



UnB

Universidade de Brasília (UNB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Érica Taiane Pedrosa Melo

**OS CONTADORES DE HISTÓRIA DO DISTRITO FEDERAL E SUA
CONTRIBUIÇÃO NO INCENTIVO À LEITURA**

**Brasília
2011**

Érica Taiane Pedrosa Melo

**OS CONTADORES DE HISTÓRIA DO DISTRITO FEDERAL E SUA
CONTRIBUIÇÃO NO INCENTIVO À LEITURA**

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciência da Informação da Universidade
de Brasília, como parte dos requisitos pa-
ra a obtenção do grau de Bacharel em Bi-
blioteconomia.

Orientadora: Dulce Maria Baptista

**Brasília
2011**

M528c

MELO, Érica Taiane Pedrosa.

Os contadores de história e sua contribuição no incentivo à leitura. / Érica Taiane Pedrosa Melo. – Brasília, 2011.

90 f.: il. ; 30 cm.

Monografia de Graduação em Biblioteconomia – Universidade de Brasília (UnB), 2011.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Maria Baptista

1. Contadores de história. 2. Incentivo à leitura
3. Linguagem oral. 4. Distrito Federal.

CDU – 808.543



Título: Os contadores de história do Distrito Federal e sua contribuição no incentivo a leitura.

Aluna: Érica Taiane Pedrosa Melo.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 13 de julho de 2011.

Dulce Maria Baptista – Orientadora

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação

Maria Alice Guimarães Borges – Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação

Cléria Botelho da Costa – Membro

Professora do Departamento de História (UnB)

Doutora em História Social

AGRADECIMENTOS

A Deus por me iluminar ao longo de toda essa trajetória de vida e mostrar o real sentido da paciência e perseverança.

À minha família que é o pilar da minha formação como ser humano e que mostrou desde o princípio o valor da educação.

À minha querida irmã pela ajuda na transcrição da entrevista que não foi fácil e por me apoiar quando mais precisava.

A meus amigos do curso de Biblioteconomia que estiveram comigo ao longo de todos esses semestres, estudando junto, ajudando nos trabalhos, nos momentos de desespero e nos de diversão.

À professora Cléria Botelho do Departamento de História que ministra a Disciplina Cultura Brasileira 2 que foi minha fonte de inspiração para esse trabalho.

À professora Maria Alice Guimarães Borges por ter aceitado o convite de compor a minha banca e por me inspirar a fazer dos sonhos o meu projeto de bem viver.

À Adriana de Oliveira Maciel, componente do grupo MATRAKABERTA, que me recebeu com todo carinho em sua residência e me mostrou a vida dos contadores de história.

À professora Dulce Maria Baptista por me aceitar como sua orientanda e me dar sábios conselhos sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A todos o meu eterno agradecimento.

*Os planos
E os sonhos que ardem em nós
De amantes no fundo
De um rio a rolar*

*Cometas pelo céu
Os sonhos são assim
Essência à luz das constelações*

*A plenitude, e o fim.
Segue a nave-vida
Pelo azul
E os nossos desejos vão além.*

*Teu corpo, alegre
Colado ao meu
A vida, pulsando
Á luz dessa manhã*

*Um novo mundo vem
Nós estaremos lá
Nas praias de um futuro bom
Grãos de areia a brilhar.*

Marcus Viana (Sinfonia dos sonhos)

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade mostrar o trabalho desempenhado por um grupo de indivíduos conhecidos como contadores de história, que incentivam a prática da leitura dentro da sociedade de Brasília utilizando como artifício a oralidade. Essas pessoas, por meio da linguagem oral e corporal utilizadas em suas apresentações, resgatam por meio de suas histórias a cultura de um povo, cativam o público, estimulam o imaginário e incentivam o gosto pela leitura mostrando a magia escondida nos livros. A literatura a respeito dos contadores de história é escassa e, por isso, muitas pessoas não têm noção da importância das atividades realizadas por esses indivíduos, daí a necessidade da divulgação deste trabalho. Este estudo apresenta a prática da contação de história no Distrito Federal.

Palavras-chave: Contadores de história. Incentivo à Leitura. Linguagem Oral. Distrito Federal.

ABSTRACT

This study is intended to expose the work of a group of people known as storytellers, who encourage the practice of reading in Brasília by means of orality. These people, using oral and body language in their presentations, rescue the culture of a people through their stories, captivating audiences, stimulating imagination and encouraging the reading habit by showing the hidden magic in the books. There is little information about storytellers and that is why many people do not know the importance of their activities, hence the need to divulge this work. This research shows the practice of storytelling in Distrito Federal.

Keywords: Storytellers. Incentive to reading. Oral language. Federal District- Brazil.

LISTA DE FÍGURAS

Figura 1- Brasília, capital do Brasil.....	22
Figura 2- Mundo da imaginação.....	49

LISTA DE FOTOS

Foto 1- A importância da leitura.....	17
Foto 2- Maurício Leite.....	18
Foto 3- Construção de Brasília.....	21
Foto 4- Brasília, uma terra em constante transição.....	24
Foto 5- Contadores de história ajudando na construção da cultura do Distrito Federal.....	25
Foto 6- O taxista contador de história.....	29
Foto 7- Roedores de Livros, um exemplo de contadores de história modernos.....	30
Foto 8- Adriana de Oliveira Maciel.....	34
Foto 9- Adriana e Marcelo do grupo MATRAKABERTA.....	42
Foto 10- As crianças e os avanços tecnológicos.....	44

LISTA DE SIGLAS

ASBAC- Associação dos Servidores do Banco Central

CEAV- Centro de Ensino Alegria de Viver

DF- Distrito Federal

MATRAKABERTA- Matrakaberta Contadores de História

NOVACAP- Companhia Urbanizadora da Nova Capital

SESC- Serviço Social do Comércio

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 JUSTIFICATIVA	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 A importância da leitura na Sociedade da Informação	15
3.2 Conhecendo Brasília	19
3.3 Os contadores de história ajudando a construir a cultura do DF	24
3.4 Os contadores de história tradicionais	28
3.5 Os contadores de história modernos	30
4 OBJETIVOS	32
4.1 Objetivo geral	32
4.2 Objetivos específicos	32
5 METODOLOGIA	33
6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	34
6.1 Entrevista com Adriana de Oliveira Maciel do grupo MATRAKABERTA	34
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	56
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA	57
APÊNDICE C – HISTÓRIAS CONTADAS PELO GRUPO MATRAKABERTA	86

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste numa pesquisa sobre os contadores de história do Distrito Federal. Segundo Neder e colaboradores (2009), desde os primórdios, o ser humano tem conhecimento da contação de história em suas vidas, um fato que gera admiração e conquista a aprovação dos ouvintes. Aos poucos, as pessoas que contavam histórias foram atraindo a atenção do público devido ao fascínio que os contos exerciam sobre elas.

No momento de transição da condição selvagem para a vida estruturada, o contador de histórias,

[...] deixou de ser de um mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos. (TAHAN, 1966 apud NEDER, 2009, p. 61).

Para Neder e colaboradores (2009), a prática da contação de histórias na Antiguidade foi empregada como forma de difundir os princípios religiosos budistas revelando seu teor religioso. No período Medieval o contador de histórias impunha certo respeito por onde passava:

[...] na Boêmia, na Áustria e nas Ilhas Britânicas, os trovadores, os segréis, os jograis e os menestréis obtinham passaportes quando outros indivíduos não podiam obtê-los. Esses eram os que, cantando, recitando, declamando, iam de palácio a palácio, de aldeia a aldeia, contando as histórias tão a gosto popular. (TAHAN, 1966 apud NEDER et al., 2009, p. 61).

De acordo com Tahan (1966 apud NEDER et al., 2009), a prática da contação de histórias, desde os primórdios até os dias de hoje é compreendida como uma maneira de difundir verdades imortais, conservando costumes, ou propagando ideias.

O presente trabalho tem por finalidade conhecer e identificar os contadores de história do DF com base na cultura local, tendo em vista a importância da oralidade na formação cultural do Distrito Federal e a escassez de literatura específica, na cidade, sobre o assunto analisado.

O desenvolvimento deste estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa baseada em coleta de dados feita em ambiente virtual, com informações obtidas no jornal, *Correio Braziliense*, leitura de textos e artigos sobre o assunto, a partir da disciplina Cultura Brasileira 2, ministrada pela professora Cléria Botelho, do curso de História da Universidade de Brasília, e uma entrevista com a contadora de história Adriana de Oliveira Maciel.

A entrevista realizada foi feita na própria residência da contadora, em Taguatinga (DF), sendo dividida em duas sessões com duração respectiva de aproximadamente 1 hora e 27 minutos.

Com base no levantamento realizado, deve-se ressaltar que as informações de cunho mais relevante sobre o assunto estão disponíveis *online* no jornal *Correio Braziliense*, sendo estas correspondentes ao período de 2009-2010.

2 JUSTIFICATIVA

A relevância da contação de história, tanto como tradição cultural como instrumento de estímulo à imaginação e à leitura tem contribuído à valorização da biblioteca como um dos espaços mais comumente utilizados na realização dessa atividade. Observa-se, no entanto, que o tema não tem se constituído em objeto relevante de estudos na área da biblioteconomia. Esta pesquisa se justifica pelo propósito de se explorar o tema, em suas diferentes dimensões, e de se produzir um registro documental, sob a forma de monografia de graduação, que possa contribuir ao conhecimento interdisciplinar desse assunto.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O alicerce deste estudo consiste em uma revisão de literatura que abrange artigos de periódicos, trabalhos apresentados em eventos, livros, e paralelamente, uma entrevista com a contadora de história Adriana de Oliveira Maciel. A revisão, propriamente dita, inclui os seguintes tópicos: A importância da leitura na Sociedade da Informação; Conhecendo Brasília; Os contadores de história ajudando a construir a cultura do DF; Os contadores de história tradicionais e Os contadores de história modernos.

3.1 A importância da leitura na Sociedade da Informação

Os seres humanos estão passando por um momento de intensas e rápidas transformações em suas vidas, na área científica, tecnológica, geográfica, entre outras (OTTE ; KÓVACS, 2002). Com as novas tecnologias, abre-se caminho para mudanças em diversas áreas do conhecimento, principalmente no que se refere à área informacional (ANZOLIN, 2009).

Jamais foi presenciada tamanha avalanche de informações como no período atual. Podemos observar essas mudanças diante dos meios de informação e comunicação que utilizamos diariamente em nossas residências, escolas e trabalho (OTTE ; KÓVACS, 2002). É surpreendente como computadores, TVs, celulares, jornais e revistas se tornaram tão essenciais na vida da população, chegando ao ponto das pessoas não poderem se imaginar vivendo sem estes recursos (OTTE ; KÓVACS, 2002).

Nota-se na sociedade atual um processo contínuo relacionado com a busca de conhecimento e informação que permite aos indivíduos saírem de uma condição de ignorância e entrarem num contexto informacional inovador, podendo estar a par do que ocorre ao seu redor (SOUZA, 2007).

Segundo Anzolin (2009), com o uso da Internet, por exemplo, os indivíduos podem conhecer novas culturas sem precisar sair de casa, ou seja, assistindo vídeos, lendo artigos e falando com pessoas online. Por meio da Internet tem-se a possibilidade de visualizar serviços e produtos oferecidos aos usuários por meio dos acervos disponíveis em catálogos online de bibliotecas, centros de informação, entre

outros, o que permite que o usuário tenha maior comodidade e independência em relação ao acesso à informação desejada.

Deve-se frisar que a Sociedade da Informação está pautada simultaneamente na sociedade e no indivíduo, levando em consideração suas necessidades e tendo como objetivo conectar e orientar, visando o progresso da sociedade em geral e o bem estar do indivíduo em particular. Dessa forma, as pessoas têm liberdade para produzir, pesquisar, utilizar e disseminar o conhecimento, adquirido a partir de outros, e podendo aplicar esses ensinamentos na comunidade, tornando os indivíduos mais esclarecidos sobre o que ocorre ao seu redor.

Pesquisadores alegam que:

Os países em desenvolvimento e os atores sociais deveriam ter um papel-chave na orientação do tal processo e das decisões. Em outras palavras, para este [...] enfoque, o fundamental não é 'informação', mas 'sociedade'. Enquanto a primeira faz referência a dados, canais de transmissão e espaços de armazenagem, a segunda fala de seres humanos, de culturas, de formas de organização e comunicação. A informação é determinada conforme a sociedade, e não ao contrário. (BURCH, 2005, p.6).

Cabe à sociedade dizer que tipo de informação necessita a quantidade e o tempo necessário para assimilar esse conhecimento, sendo que aos governantes cabe estimular o uso das informações, pois só assim a população pode evoluir. É por meio da leitura que o conhecimento pode ser adquirido pelas pessoas e a sociedade, quando esclarecida, torna-se consciente dos seus atos, amplia sua visão de mundo (SOUZA, 2007).

Tendo em vista este cenário de mudanças, os contadores de história, bibliotecários e professores procuram se atualizar e desempenhar da melhor forma o seu ofício, de maneira que possam mostrar aos indivíduos a importância da leitura e como é importante estimular essa prática desde criança como uma das principais condições para se adquirir o conhecimento e construir um cidadão consciente.



Fonte: Revista *Quem*
Foto 1 – Importância da leitura

De acordo com o contador de história cuiabano Maurício Leite, de 57 anos, único brasileiro indicado ao Prêmio Astrid Lindgren Memorial (Alma) de Literatura Infantil no ano de 2011, na Suécia, o prazer que os livros proporcionam pode ser propagado, o que indica que mesmo havendo obstáculos relacionados a tempo e espaço é possível superá-los, fazendo com que as pessoas viajem para lugares inimagináveis por meio da leitura (MENEZES, 2011).

É necessário estimular o gosto pela leitura desde criança. Foi pensando nesse estímulo que o contador de história criou a ideia da mala do livro, uma iniciativa que tem por finalidade levar a lugares remotos o acesso à cultura e à arte (MENEZES, 2011).

A mala azul de Maurício é composta de pelo menos trinta exemplares com livros de diferentes cores, formatos e tamanhos. Segundo o contador de história, impressionar é essencial em sua atividade, pois quando ele narra as histórias contidas nos livros utilizando sua voz, os personagens ganham vida e as crianças passam a utilizar a imaginação deparando-se com um universo de possibilidades (MENEZES, 2011).



Foto 2- Maurício Leite

Para o contador de história “[é] preciso ampliar o conceito de leitura. Se uma criança vê as figuras, se surpreende, entende a mensagem, conhece algo novo, ela leu.” (MENEZES, 2011, p.30).

Sobre a expressão “hábito da leitura” Maurício explica que: “[o] hábito é algo que você pode ter e deixar de ter. A leitura não deve ser uma obrigação, mas um prazer.” (MENEZES, 2011, p. 30).

Quando questionadas sobre a leitura, as opiniões das crianças são semelhantes às do contador de história. Segundo Gabriela Feitosa de 9 anos, “[ler] é divertido, quando não é difícil. Mesmo sem ter figuras, um livro pode ser muito divertido. A gente aprende novas palavras. Se alguém conta a história, também é bom, porque fica bem explicado.” (MENEZES, 2011, p. 30).

Maria Clara Sales de 10 anos é da mesma opinião de Gabriela. Segundo ela, “[quando] a gente lê, entra em outro mundo. Vê a história de pertinho. Pode ser ainda mais legal que ir ao cinema, porque no livro a gente imagina as histórias do jeito que quiser, pode criar também”. (MENEZES, 2011, p. 30).

Atualmente o contador de história vive na Europa, mas antes de ter se mudado para lá, Maurício desenvolvia trabalhos relacionados com a literatura e o incentivo a leitura em Brasília. Sua relação com a cidade foi tão marcante que

mesmo distante de seu país Maurício ainda aspira participar de eventos da área de literatura na capital federal, bem como ministrar cursos para docentes de escolas públicas da cidade (MENEZES, 2011).

No contexto da Sociedade da Informação, Brasília surge como a “terra das oportunidades”, local onde brasileiros e brasileiras sonham em fixar residência, adquirir uma boa formação e mudar de vida. A capital federal é exemplo de cidade planejada, em termos de arquitetura, educação, ciência e tecnologia. Se por um lado podemos comprovar o crescimento da cidade por meio de sua arquitetura e tecnologia, por outro podemos perceber que educação e cultura são processos lentos que devem ser construídos ao longo do tempo. Nesta perspectiva apresenta-se a seguir o histórico da cidade.

3.2 Conhecendo Brasília

A ideia de transferir a capital do país para o seu interior não foi algo exclusivo de Juscelino Kubitschek, sendo que as referências apareceram muito antes, com os patriotas da Conjuração Mineira de 1789, que tinham a intenção de instalar na cidade de São João del Rei a capital do país (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA*, 1998). Em vários artigos do antigo *Correio Braziliense*, Hipólito José da Costa exigia com bastante determinação (a partir de 1813) a mudança da capital do país para o interior (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA*, 1998).

Em meados de 1822, surgiu em Lisboa um in-fólio com o seguinte título: “*Aditamento ao projeto de Constituição para fazê-lo aplicável ao reino do Brasil*” (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA*, 1998, p. 940), onde logo em seu primeiro artigo discorria que “no centro do Brasil, entre as nascentes dos confluente do Paraguai e Amazonas, fundar-se-á Capital deste Reino, com a denominação de Brasília” (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA*, 1998, p. 940).

Logo após a proclamação da Independência do Brasil, José Bonifácio de Andrada e Silva apresentou na Assembleia Constituinte “as vantagens de uma nova capital do Império no interior do Brasil, em uma das vertentes do rio São Francisco, que [poderia] chamar-se Petrópole ou Brasília...” (*GRANDE ENCICLOPÉDIA*

LAROUSSE CULTURA, 1998, p. 940).

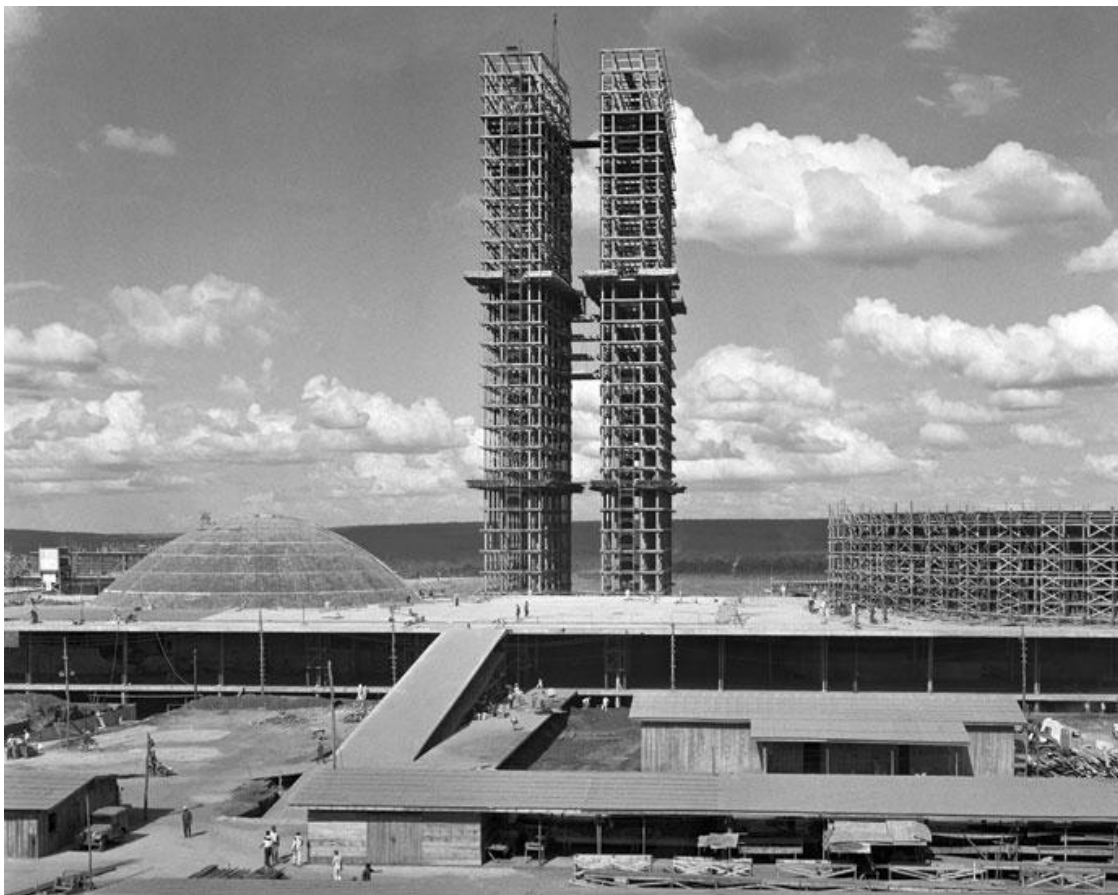
Posteriormente, com a proclamação da República, foi estipulado no art. 3º da Constituição de 1891 estabelecer no Planalto Central um local para a construção da futura capital, criando-se a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil (1892), chefiada por Luis Cruls, que elaborou um relatório determinando uma área retangular conhecida hoje como Retângulo Cruls (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA, 1998*).

A área da tão sonhada Capital foi determinada em 1947 e confirmada em 1954, entre os paralelos 15º 30' e 16º 03' e os rios Preto e Descoberto. O local compreendia parte de três municípios goianos: Planaltina, Luziânia e Formosa, sendo que o projeto foi autorizado em 1955 (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA, 1998*).

Logo após a posse de Kubischek, em janeiro de 1956, uma das primeiras metas do presidente foi declarar sua intenção de “fazer descer do plano dos sonhos a realidade de Brasília” (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA, 1998, p. 940*). Constituiu-se, então, a “Companhia Urbanizadora da Nova Capital” (hoje conhecida como NOVACAP) para realizar os preparativos da instalação da infraestrutura da região (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA, 1998*).

Para chefiar o Departamento de Urbanística e Arquitetura, Kubitschek escolheu o arquiteto Oscar Niemeyer e, em 1957, por meio de um concurso, foi escolhido o projeto do urbanista Lucio Costa para a construção da Capital, sendo definida a data de 21 de abril de 1960 para a inauguração de Brasília, com o seu imediato funcionamento e solene instalação (*GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURA, 1998*).

Envolvida por um clima místico, a construção de Brasília, segundo alguns estudiosos, foi aconselhada por mentores espirituais com a finalidade de torná-la a Capital do Terceiro Milênio (*BRASÍLIA Cidade Mística, 2011*).



Fonte: UOL
Foto 3 – Construção de Brasília

A verdade é que as formas e estruturas de suas obras estão rodeadas de mistérios que o ser humano não pode responder. Para a egiptóloga Iara Kem, os cartões postais de Brasília se baseiam nas paisagens do antigo Egito e há muitos pontos na cidade vinculados às letras e números da Cabala Hebraica (*BRASÍLIA Cidade Mística, 2011*).

Esses mistérios chamaram a atenção de sensitivos, místicos e religiosos que agora residem na cidade para buscar conforto espiritual e tentar resolver os enigmas que pairam no local (*BRASÍLIA Cidade Mística, 2011*).

Em um período bem anterior, ainda em 1883, João Belchior Bosco, mais conhecido como Dom Bosco, teve um profético sonho, que foi devidamente registrado. Nele, o padre viajava pela América do Sul, mas o mais intrigante é o que diz respeito ao Planalto Central.

De acordo com os registros de Dom Bosco,

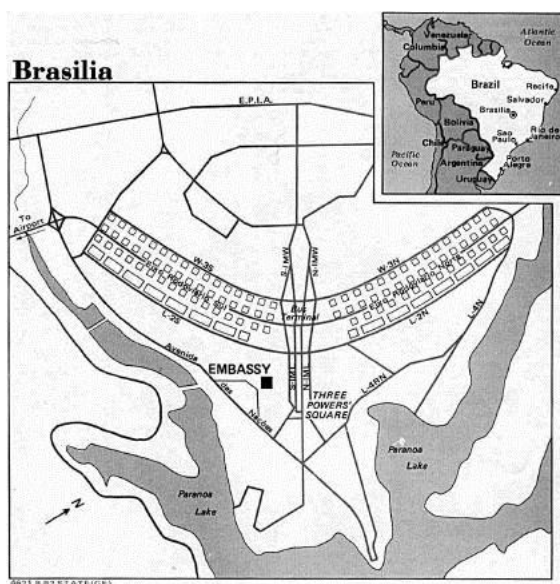
[...] Entre os graus 15 e 20, existia um seio de terra bastante largo e partia de um ponto onde se formava um lago. Então, repetidamente, uma voz assim falou: '... quando vierem escavar as minas ocultas, no meio destas montanhas, surgirá aqui a terra prometida, vertendo leite e mel. Será uma

terra inconcebível...’ (A *História de Brasília*, 2010).

Brasília não deve ser vista de forma rigorosa, levando em conta apenas o aspecto político. A região não se limita a isso, a cidade é um parque a céu aberto, possui extensos gramados, uma cultura em construção, muitas opções de lazer, além de monumentos admirados em vários cantos do mundo (BRASÍLIATUR, 2011).

A arquitetura também é um diferencial para quem quer conhecer a cidade. A Catedral Metropolitana, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Museu Honestino Guimarães são cartões postais mundialmente conhecidos pelo traçado das linhas curvas de Oscar Niemeyer (BRASÍLIATUR, 2011).

Brasília recebe diariamente visitantes que realizam o turismo cívico e buscam saber mais sobre a capital do poder, cenário onde são tomadas as decisões políticas do país, palco do civismo, da arte, da música e de um povo receptivo, que acolhe bem todos aqueles que querem conhecer a Capital do Brasil (BRASÍLIATUR, 2011).



Fonte: Google

Figura 1- Brasília, capital do Brasil

A população do DF é diversificada, batalhadora e com distintos sotaques, cores e religiões, o que ajuda a compor a história da cidade. De acordo com o Senador Cristovam Buarque, pessoas de diversas localidades do Brasil ajudaram na construção da capital e não devem ser esquecidas, bem como seus habitantes, que vivem honestamente e merecem ser respeitados pelo governo (BUARQUE, 2010).

A população do DF veio de distintos cantos do Brasil em busca da sonhada “Capital da esperança”, sendo que a região nordeste foi a que mais contribuiu para a construção e identidade da cultura local, por meio de suas tradições, valores e

obviamente por emprestar um pouco de seu despojamento e simplicidade (TIMM, 2009). Essa mistura, mesmo centralizada nas regiões administrativas, como pode ser observada em Ceilândia e no Cruzeiro, consideradas, respectivamente, a cidade mais nordestina e a mais carioca do DF, também contagiou Brasília (TIMM, 2009).

E diariamente o Distrito Federal vai sendo remodelado, criando um estilo próprio. Por onde quer que as pessoas olhem, pode-se encontrar as esquinas do *happy hour*. No Lago Sul, a turma vai ao Gilberto Salomão, os moradores do Lago Norte se reúnem nos bares da Asa Norte no finalzinho de tarde para tomar um drinque com os amigos, se divertir com a família ou simplesmente descansar (TIMM, 2009). Em Brasília, todos vão ao shopping e também frequentam feiras como as dos Importados, do Guará, da Torre, do Gama, sem medo de ser feliz. A capital federal também é conhecida pelo Rock, tendo lançado músicos internacionalmente conhecidos como Renato Russo, Cássia Eller, Capital Inicial, além da banda Plebe Rude, e hoje em dia a quantidade de gêneros musicais na cidade vem se multiplicando (TIMM, 2009).

Como pode-se perceber, Brasília é uma terra em constante transição, onde pessoas de diversas línguas, sotaques e gírias circulam livremente pela cidade, o que possibilita que este local represente distintos lugares do mundo, pois a capital tem esse poder de chamar a atenção de brasileiros e estrangeiros que querem conhecer as maravilhas da terra descoberta por Cabral (FALCÃO, 2010). Os turistas que desembarcam na cidade ficam maravilhados com o que veem por aqui, encantam-se pelo clima, arquitetura, limpeza e organização da cidade (FALCÃO, 2010).

O empreendimento da construção de Brasília chefiada por Juscelino Kubitschek, trouxe milhares de pessoas que fizeram um verdadeiro milagre de transformar o cerrado poeirento e virgem em um local para se morar, e hoje contam com orgulho como foi a sua trajetória de vida e como diariamente vêm ajudando a construir a história dessa cidade (BOLGUE, 2010).

Não são poucos os elogios dos turistas sobre os espaços abertos rodeados pelo verde que gera uma sensação de bem estar, fato este que não ocorre por acaso, pois quando a capital foi construída tudo foi planejado nos mínimos detalhes (COUTO, 2010).



Fonte: MARINAMARA

Foto 4 – Brasília, uma terra em constante transição

Os espaços vazios do Plano Piloto criados pelo urbanista Lucio Costa não visavam apenas facilitar a circulação de pessoas; a vastidão de Brasília teria sido cuidadosamente projetada para abrigar com cerimônia e segurança grandes recepções de chefes de Estado, como, por exemplo, a posse do presidente da República (COUTO, 2010).

3.3 Os contadores de história ajudando a construir a cultura do DF

O Distrito Federal é um local diversificado, com pessoas de classes sociais distintas e um cenário que revela a cultura de um povo em constante processo de mudança.

A cultura do local vai além da arquitetura, música e religiosidade, ela está arraigada nas tradições do povo, na sua história de vida, na memória coletiva de sua sociedade e isso pode ser ressaltado pela afirmação de estudiosos sobre a memória, que a expõem como:

[...] o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p. 15).

Para Bosi (2003), por meio das experiências de vida que as pessoas adquiriram no passado tem-se a possibilidade de extrair características marcantes para a constituição da identidade de um povo e, no caso em questão, os contadores de história nos ajudam nesse processo.

Com base nas ideias de Bosi (2003, p. 22), sobre a força da memória coletiva pode-se afirmar que “uma memória coletiva [...] se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que são a identidade e permanência daquela classe”. De acordo com este fato, pesquisadores mostram que:

[...] essa dimensão social de memória e da identidade explica [...] porque não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrário, a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto processo. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo. (FELIX, 1998, p. 42).

Feldman-Bianco e Huse (1987) também concordam com a afirmativa de Felix (1998) e mostram que a identidade é algo que está em constante mutação, sempre sendo reconstruída e recontada, geração após geração, existindo diferenças e semelhanças que devem ser observadas.

O Distrito Federal é um palco a céu aberto, onde artistas como os contadores de história transmitem conhecimento, história de vida e arte, por meio da narrativa oral e ajudar a construir a história da população com o uso da oralidade.



Fonte: MATRAKABERTA

Foto 5 – Contadores de história ajudando na construção da cultura do Distrito Federal

Atualmente a arte de contar histórias:

[...] vem sendo retomada não apenas por terapeutas e educadores, mas por pessoas de todas as formações, de várias camadas da sociedade, que se reúnem para partilhar sabedoria, afeto e energia através das narrativas. Para fazê-lo, não há regras: o melhor é usar o coração e a intuição, além da experiência que só se adquire através do tempo. (MEREGE, 2009).

Pesquisadores alegam que a contação de histórias é

[...] a arte ou prática milenar de narração oral com apresentação dramática de contos e histórias. Sua figura central é o contador de histórias que procura encantar e transportar os ouvintes a outras realidades, desafiando o imaginário. Bastante utilizadas com crianças em escolas e bibliotecas infantis, vale-se da diversão como uma característica forte, permeando todas as ações. Divertindo, desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação (CUNHA, 2008, p.104).

Os contadores de história do DF são homens, mulheres e pioneiros (que ajudaram a construir a cidade) provenientes de todas as regiões do Brasil que fixaram residência no local. Os contadores podem ser tradicionais ou modernos, desde que contem histórias com frequência para os seus ouvintes e a narrativa esteja relacionada com as histórias de vida do povo, a construção da cidade, contos de fada, contos folclóricos, entre outros.

Nos dias de hoje:

[...] os contadores ganham uma importância ímpar porque passam a ter como função ligar os membros da comunidade às suas tradições, não apenas preservando o genuíno, mas também atualizando os elementos dessa tradição. Através dessa atividade de recordar ou buscar informações vivas, o narrador passa a resguardar a unidade dentro da diversidade, cuidando para que a história não se perca. (CANTIA; FILHO, 2006).

O que Cantia e Filho (2006) afirmam pode ser observado no DF, pois tanto os contadores de história tradicionais como os modernos estão, por meio de sua memória coletiva, ajudando a preservar a cultura oral da cidade que vem sendo passada de pai para filho, de avô para neto ou sendo aprendida por meio de cursos por pessoas que se interessem por esta atividade. Nos dias de hoje os contadores de história vêm buscando se modernizar para acompanhar os avanços tecnológicos, sendo que a essência dessa arte continua a mesma, que é a história contada utilizando a voz, porém alguns contadores já utilizam instrumentos como o microfone, bonecos, etc.

Estudiosos afirmam que:

[...] uma das principais maneiras que o ser humano teria de manifestar, comunicar e até mesmo compreender a experiência seria colocá-la sob a forma narrativa. Essa 'forma', entretanto, envolve tanto a colocação de palavras em estruturas inteligíveis de significado quanto à organização de

uma série de códigos e dispositivos culturais que permitem que a narrativa seja compreendida. (HARTMANN, 2005, p. 126).

Benjamim (1996) se aprofunda na explicação da verdadeira narrativa, afirmando que esta possui, às vezes de forma disfarçada, uma dimensão utilitária, que tem por trás um ensinamento moral. Como na contação de história na sala de aula para mostrar a questão do *bullying*, ou uma sugestão prática utilizando a história do Tico Tico, um provérbio, etc. Dessa forma, a narrativa,

[...] que durante tanto tempo floresceu num meio de arte – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1996, p. 205).

Pode-se observar que os contadores de história do DF atuam dessa forma, onde o contador, ao narrar um fato, mergulha naquele momento imprimindo o seu olhar, seus sentimentos, gesticulando, fazendo uma performance para atrair a quem escuta e transmitir todo um encantamento por meio da oralidade, fazendo com que a pessoa que o escuta imagine aquela história e acredite que aquilo é real.

Busatto (2006, p.17) expõe em suas pesquisas que “o contador narra para se sentir vivo, para transformar sua história pessoal numa epopeia, uma narrativa essencial”, pois o narrador quer chamar a atenção das pessoas, quer reconhecimento para poder mostrar às pessoas a arte de transformar o oral num mundo fantástico e sobrenatural.

Quanto ao narrador pode ser observado que:

[...] os acontecimentos registrados por si só não oferecem os elementos da história nem da literatura. É o narrador que, ao formular novas significações aos fatos criados, oferece aqueles elementos. Os acontecimentos são convertidos em fatos históricos e/ou literários pela ação do narrador que, na (re)elaboração da narrativa, suprime alguns aspectos, faz realçar outros, tendo como critério o interesse que tem no momento em que desenvolve a pesquisa e o seu referencial teórico. Por esta razão, pode-se afirmar que a narrativa (re)constrói-se em cima dos fatos selecionados pelo narrador, que (re)constitui suas lembranças e cria o porvir. (COSTA, 1997, p.133).

Os contadores de história fazem uso frequentemente da narrativa e são originários da tradição oral onde o conhecimento era transmitido verbalmente de uma geração a outra, sendo que desta maneira a história antiga poderia ser resgatada (BRANT, 2010).

Pesquisadores mostram que nas sociedades antigas,

[...] a contextualização do saber era uma característica marcante. A palavra tinha o sentido que a comunidade lhe atribuía no exato instante em que era

proferida, e dentro do contexto empregado. Quem narrava era auxiliado por gestos, expressões corporais e faciais. A palavra contada tinha densidade, corpo, e era dotada de poder. (BUSATTO, 2006, p. 86).

A tradição oral é:

[...] a tradição nacional, aquela que permaneceu espalhada de modo geral na boca do povo, que todos diziam e repetiam, camponeses, gente da cidade, velhos, mulheres, até mesmo crianças; aquela que podemos ouvir ao entrar à noite numa taverna de aldeia; aquela que podemos colher se, ao encontrar à beira da estrada um transeunte descansando, começamos a falar com ele da chuva, da estação, e do alto preço dos mantimentos, e da época do imperador, e da época da revolução. (THOMPSON, 1992, p. 45).

Observa-se por meio dos relatos de Thompson, assim como outros autores que abordam a tradição oral, que esta tradição é o principal pilar para a construção solidificada da cultura de uma sociedade, sendo que, se sua transmissão desaparece, a cultura daquele povo não sobrevive.

Sobre os contadores de história na atualidade pode ser acrescentada às afirmações de Thompson que:

As últimas décadas do século XX se encarregaram de trazer novamente para a cena esse personagem, seja por força de um modismo, seja por meio da fala estética, atuando artisticamente com a palavra. Vale ressaltar também que a contação de história, ou narração oral de histórias, permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca [...] (BUSATTO, 2006, p. 25).

Pode-se perceber que nos últimos anos houve um aumento significativo na divulgação do trabalho dos contadores de história do Distrito Federal. Hoje as pessoas já começam a se informar sobre a atividade desenvolvida por essas pessoas e suas apresentações vêm recebendo destaque em jornais de grande circulação como o *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília*, televisão e internet.

No DF, encontram-se dois tipos distintos de contadores: os tradicionais, que não possuem nenhuma formação para contar histórias, e os contadores modernos, que passaram por algum tipo de treinamento.

3.4 Os contadores de história tradicionais

Os contadores de história tradicionais de Brasília, como os pioneiros da época da construção da capital, por exemplo, são contadores que não utilizam nenhuma técnica para narrar sua história de vida, eles podem narrar fatos desconhecidos da construção da cidade ou narrar sobre a história de sua família, sendo que estes contadores não possuem formação teórica e prática, deixam sua narração aberta e agem de acordo com as teorias de recepção literária, convidando o ouvinte a

imaginar a história.

O contador tradicional identifica-se com o conhecido e retira os significados do momento presente, construindo a sua leitura de mundo a partir da interpretação do universo cultural do qual faz parte, para depois compartilhar com seu ouvinte, socializando o saber e caracterizando o ato de contar como um momento de elaboração das suas próprias crenças. (BUSATTO, 2006 p. 23).

Um exemplo de contador de história tradicional da cidade é o taxista goiano José Martins Ferreira, de 81 anos. Diferentemente das histórias de pescador, o que ele conta para quem quiser ouvir são seus testemunhos de vida, sobre sua família e o seu trabalho, pois taxista tem sim, muita história para contar.



Fonte: Correio Braziliense
Foto 6 – O taxista contador de história

Era 1957, quando esse homem, aos 29 anos, segundo ano do ginásio, recém-casado com sua Orondina, dois filhos pequenos (Ricardo e Reinaldo), desembarcou numa tal de Cidade Livre. O princípio de tudo. 'Vim fazer um futuro', ele diz, sobre a chegada ao Distrito Federal. Lá em Goiás, José ouvia, pelo rádio a pilha, que aqui se ergueria uma cidade que transformaria o país. 'Era a notícia dia e noite que a gente ouvia', lembra. (ABREU, 2009, p. 30).

Ferreira, com sua maneira simples de ver a vida, fala com alegria de suas lembranças, como quando transportou a atriz Yoná Magalhães e o deputado Ulisses Guimarães, entre outros. Ele afirma que: "Com a dona Yoná, eu não resisti. Disse que ela era uma artista especial e que admirava muito o seu trabalho. Ela ficou feliz, me deu um sorriso e pegou na minha mão, na despedida [...] Era muito linda."

Para Félix (1998, p. 43) "as lembranças constituídas nas relações sociais são mantidas nos diversos grupos de referência e também nos espaços sociais da família, do trabalho, do lazer, da religiosidade, ancoradas no vivido, na experiência

histórica”. Isso pode ser observado nas afirmações do Sr. José Ferreira, que manteve viva em sua memória os momentos que mais lhe marcaram sentimentalmente.

3.5 Os contadores de história modernos

Os contadores de história modernos são mais fáceis de localizar na cidade de Brasília, pois com um clique no mouse encontramos informações e telefones de grupos como Tralalá, Viva e Deixe Viver, MATRAKABERTA, Tagarelas, Roedores de Livros entre outros.



Fonte: Google

Foto 7-Roedores de Livros, um exemplo de contadores de história modernos

De uma forma distinta dos contadores tradicionais, essas pessoas cobram pelo seu trabalho, possuem formação na área da contação de história, desenvolvem performances para apresentar os contos, trabalham com o corpo, utilizam instrumentos durante as sessões como bonecos, música, sons, etc.

Nota-se que o contador de história hoje em dia está:

[...] inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias. Surge em diferentes setores da sociedade atual movido pelo desejo de fazer de sua voz uma marca na comunidade ávida por mergulhar nos segredos da narração. Carrega

consigo influências do seu tempo e dos meios de comunicação que o cercam: como imprensa escrita, rádio, TV, telefone, Internet. Carrega para a sua narração marcas de outras artes, como teatro, a poesia, a declamação, a dança, a mímica, o canto. Constrói a sua por meio da experiência que traz da sua história pessoal, ou dos cursos que se proliferaram nos últimos anos. (BUSATTO, 2006, p. 26).

Atualmente os contadores modernos vêm tentando fazer o resgate do ouvir e do falar utilizando técnicas diferenciadas para chamar a atenção do público.

As meninas do grupo Tagarelas, por exemplo, grupo criado há 15 anos por Miriam Rocha e Simone Carneiro, apresentam as histórias utilizando recursos como fantoches, avental chinês, instrumentos musicais e painéis, e acreditam que eles ajudam a dar mais dinâmica e a estimular a imaginação de quem está ouvindo. (BRANT, 2010).

As pessoas nos dias de hoje também procuram resgatar suas origens, seu passado e seus sonhos.

Talvez isso seja uma tentativa de recuperar o olhar subjetivo para a vida, ameaçado pelo pragmatismo da contemporaneidade, e a possibilidade de abrir espaço para o imaginário criador. A performance do contador de histórias propicia a ampliação do horizonte simbólico e traz aquela sensação de conforto e aconchego para o nosso mundo interior. (BUSATTO, 2006, p. 37).

Para Busatto (2006) é necessário que o contador de histórias da atualidade pense nas recorrentes transformações que a sociedade vem passando, nas distintas organizações comunicacionais, nos avanços tecnológicos, assim como nas complexidades das culturas para agir de acordo com estes fatores.

4 OBJETIVOS

O objetivo geral e os específicos são definidos nas subseções a seguir.

4.1 Objetivo geral

Verificar a prática da contação de história no grupo MATRAKABERTA do Distrito Federal.

4.2 Objetivos específicos

- Contribuir com a literatura sobre os contadores de história;
- Realizar um estudo de história oral sobre os contadores de história no DF;
- Apresentar um estudo de caso sobre os contadores de história do DF;
- Realizar um trabalho de pesquisa interdisciplinar unindo conhecimentos de natureza histórica, social e biblioteconômica.

5 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa que, por meio de uma revisão de literatura, buscou abordar os aspectos principais relacionados ao universo de pesquisa, que são os contadores de história do Distrito Federal e sua contribuição no incentivo à leitura.

A obtenção dos dados consistiu na coleta de informações contidas no jornal *Correio Braziliense*, leitura de textos e artigos sobre o assunto, a partir da disciplina *Cultura Brasileira 2*, ministrada pela professora Cléria Botelho, do curso de História da Universidade de Brasília, e uma entrevista com a contadora de história Adriana de Oliveira Maciel, membro do grupo MATRAKABERTA. O critério que norteou a escolha dessa contadora para a entrevista foi o fato de ela ser uma pessoa habituada a frequentar escolas, *shopping centers*, entre outros lugares, tendo, portanto, uma prática consolidada na área.

A entrevista foi realizada em 09 de julho de 2010 na própria residência de Adriana, na região administrativa de Taguatinga (DF), visando uma postura mais confortável da entrevistada, e respostas mais completas que ajudariam no embasamento do trabalho. É apresentada no texto desta monografia de forma intercalada com as ideias dos autores citados, de maneira a possibilitar um cotejamento entre a teoria e a prática da contação de histórias.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados confronta as respostas obtidas com as ideias presentes na revisão de literatura, a partir da metodologia adotada, e a consulta à literatura pertinente.

6.1 Entrevista com Adriana de Oliveira Maciel do grupo MATRAKABERTA

A contadora de história Adriana de Oliveira Maciel, membro do grupo MATRAKABERTA, é exemplo fiel de como esses artistas estão colaborando no incentivo à leitura no DF.



Fonte: MATRAKABERTA
Foto 8-Adriana de Oliveira Maciel

A contadora de origem candanga, foi entrevistada em sua própria residência localizada na região administrativa de Taguatinga, num ambiente simples, porém aconchegante, rodeado pelos brinquedos de suas duas filhas pequenas, Clara e Kaébe.

Ouvindo da contadora a sua própria história de vida percebe-se como é importante a entonação da voz e a gesticulação na hora de se contar uma história.

Dessa forma, Adriana faz com que o ouvinte se sinta à vontade em sua companhia e com a voz carregada de emoção ao narrar a sua história, dá uma pequena mostra do que o público escuta todo dia, nas escolas, *shoppings*, festas, eventos culturais, entre outros, por onde passa com o grupo MATRAKABERTA.

Sentada no chão da sala de sua casa enquanto suas filhas assistiam TV, a contadora narrou sua trajetória de vida. Adriana, hoje com 37 anos, nasceu em Brasília, porém aos 12 anos mudou para Fortaleza, depois voltou ao DF com seu pai aposentado, e sua mãe artesã, vivendo uma vida cigana. Ficava revezando ao longo do tempo entre Brasília e Fortaleza, porém depois teve que parar com essa vida por causa da faculdade, tendo se formado em Pedagogia para Educação Especial pela Universidade de Brasília (UnB).

Deve-se ressaltar que, com base no pensamento de Benjamim (1996), os melhores contadores de histórias são os viajantes, os pescadores e os homens da roça, pois todos têm sempre boas histórias para contar, o que indica que a contadora em análise é, ou tende a ser uma boa contadora de história. Segundo Busatto (2006) os contadores precisam encarar a realidade em que vivem, o que a entrevistada não demonstrou receio de fazer.

Dei aula durante dois anos na educação especial, já era professora da Secretaria de Educação, mas nesses dois anos, eu descobri que não era a minha área, eu não queria ficar e desisti da área de educação especial, e fiquei como professora de rede. Mas a área que eu gosto mesmo dentro da educação que a gente pode falar, assim seria a área da biblioteca, que foi onde eu comecei na Secretaria de Educação.

No decorrer da entrevista a integrante do MATRAKABERTA recordou o tempo em que dava aulas na educação especial:

Observa-se que a contadora não tem medo de expor a sua vida particular e que encara tranquilamente as suas vivências, mostrando que não se sente à vontade em sala de aula e que a área que mais gosta na educação é a biblioteca, onde desenvolve o seu trabalho de contadora de história.

A contadora de história falou mais sobre sua trajetória:

[...] me botaram na biblioteca, e naquela época era biblioteca de escola candanga, que tinha que ser centro da escola, todos os projetos, todas as coisas tinham que sair daquela biblioteca. Então a gente tinha que fazer muitos cursos, dinamização de biblioteca, organização e a parte diferencial, e foi aí que eu comecei a fazer o curso Contando história e fazendo boneco, que foi dado na Oficina Pedagógica pela Aldanei e pela equipe que trabalhava lá, na época em 1998.

Observa-se pela fala de Adriana como esta memória é marcante na vida da

contadora, devido à quantidade de detalhes apontados. Para Halbwachs (2004) as pessoas só retêm do passado a memória que lhe for significativa, o que lhe marca de forma intensa, por isso é que a memória é aberta, sendo livre para lembrar e também esquecer.

O fato da entrevistada ter sido mandada para a biblioteca foi importante, pois possibilitou o seu crescimento e a realização de cursos de capacitação, dentre os quais, o curso de contadores de história, que fez com que ela entrasse em contato com esse mundo.

Estudiosos indicam que

[...] hoje em dia quem conta, conta sabendo, ou pelo menos se pretende assim, e se não sabe contar, corre atrás, faz curso, se informa, se forma, e aprende contando. As buscas multiplicaram-se, e a troca de experiências se configura como condição inerente à narração oral de histórias, pois o narrar em si já é uma experiência compartilhada. (BUSATTO, 2006, p. 7).

Antigamente as pessoas não precisavam de nenhum instrumento para contar história, a exemplo dos povos antigos que transmitiam suas memórias geração após geração, sem necessidade de qualquer instrumento tecnológico. Atualmente isso ainda existe por meio dos contadores tradicionais, porém devido aos avanços tecnológicos os contadores modernos tentam investir em novos recursos para atrair o público, o que mostra que esta cultura vai sobreviver ainda por muitos anos.

Segundo Brant (2009) “A essência de narrar não mudou, mas muitos grupos se valem de outras técnicas como o teatro, os bonecos e a música para dar uma incrementada nas fábulas, contos e lendas.”

Na entrevista, Adriana recordou quando realizou o curso para contadores de história:

Se eu não me engano, era o primeiro curso em Brasília, elas estavam repassando e foi um curso muito gostoso porque foi muito prático, a gente não ficou só na teoria, inclusive na época, a gente não tinha nem tanta teoria assim. Hoje eu sei que o curso continua sendo dado, mas os professores até tão (sic) reclamando porque hoje tá (sic) muito assim, muita teoria, a ‘vida de Monteiro Lobato’, ‘Hans Cristian Andersei’ e não tá (sic) indo muito na prática. No começo eu acho que foi gostoso porque a gente estava construindo junto, então a gente tinha muito... como se faz a voz da bruxa, como se faz uma contação de história, como se faz a voz do anão.

De fato a contação de história vem crescendo no Distrito Federal. Uma amostra disso é que antigamente as pessoas nem sabiam o que era contação de história e hoje quase todas as semanas ocorre à apresentação de grupos de contadores da cidade que tiveram formação como Adriana, como as meninas do Tagarelas, o Tralalá, Eu Vou Te Contar, entre outros. A população também tem

buscado se informar a respeito dos cursos, principalmente professores de escolas públicas e particulares que buscam dinamizar suas aulas.

A contadora de histórias salientou que esse fato foi tão importante em sua vida que foi devido a essa experiência que se tornou contadora de história na biblioteca da cidade satélite de Brazlândia. Ela mostra que:

No ano seguinte a minha companheira de biblioteca, que era a Francinéia Alvez, também fez o curso e a gente juntou e resolvemos montar o grupo chamado Era uma vez, que era eu, Francinéia e a Adriane que era uma professora também da Secretaria de Educação que fazia Artes na UnB.

Nota-se ainda o impacto que o curso de contação de história teve na vida de Adriana, e segundo Halbwachs (2004), o que marca a memória das pessoas é o que lhes toca sentimentalmente, o que tem algum significado, e foi justamente pelo curso de Contação ter tanta importância que ela se uniu às suas companheiras e montou o grupo Era Uma Vez.

De acordo com a entrevistada, o seu contato com a contação de história ocorreu quando fez o curso, pois ela descobriu que gostava de contar, porém foi com seu pai que aprendeu a ser contadora de história. Seu pai era um grande contador de fatos reais da sua vida e de causos, tendo nascido em Pernambuco e falecido aos com 95 anos em 2009. Percebe-se neste relato a presença da memória herdada e, portanto, construída ao longo do tempo presente nos trabalhos de Pollack. Neste caso, a memória das histórias contadas pelo pai que foram transmitidas a filha.

Estudiosos alegam que a memória é

[...] um fenômeno construído social e individualmente [e] quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLACK, 1992, p. 5).

De acordo com o que se observa na narrativa de Adriana nota-se que a contadora se inspirou no jeito que seu pai lhe contava histórias na infância, sendo que este atuou de forma decisiva na formação da identidade da entrevistada, como um fator essencial para que ela se percebesse como contadora de histórias.

O que a entrevistada expõe pode ser comprovado nos trabalhos de respeitados estudiosos que apresentam a memória como

[...] um instrumento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente

importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p. 5).

Adriana afirma que se inspirou no pai, em sua forma de narrar contos, no jeito de interpretar o que contava. Outros contadores no Distrito Federal e do Brasil também se identificaram, seja com seus pais, tios, amigos e também se tornaram contadores de história, que aprenderam a guardar a cultura de sua cidade, e as de sua família preservando a identidade de seu povo, e como os contadores do DF pouco a pouco estão ajudando a contar a história do local.

A contadora de história, questionada sobre há quanto tempo mora na cidade, afirma:

[...] eu voltei pra (sic) cá (Brasília), eu tô (sic) hoje com 37, voltei pra cá eu tava (sic) com 26... não [...] vai, faz as contas, que eu sou boa contadora, mas boa de matemática eu não sou não. É, na realidade eu voltei foi com [...] 22... foi. Eu fui com 12... [...] para Fortaleza, morei dos 11 direto até os 22 anos e dos 22 anos eu já tô (sic) direto, então tem mais ou menos uns [...]16 anos que eu tô (sic) direto em Brasília, que a gente parou, sossegou um pouco o facho (sic).

Sobre o texto narrado, estudiosos consideram que:

[...] ele é muitas vezes pontuado por pausas e silêncios, o tempo da memória do contador e também da trilha, que leva o ouvinte até o cenário da ação narrada, para repousar ali sua imaginação. Esses detalhes, nunca explicados, nunca preenchidos pelo conto e, conseqüentemente, pelo contador de histórias, transformam o ouvinte numa grande interrogação [...] (BUSATTO, 2006, p. 22).

As pausas e silêncios são muito utilizados pelos contadores de história modernos e tradicionais do DF. Isto porque são esses elementos que dão o clímax da história, que possibilitam que o ouvinte possa ser inserido naquele ambiente da narrativa fazendo com que ele imagine.

Os contadores de história são apresentados por pesquisadores da área como pessoas que

[...] percebem o impacto que a narração causa no ouvinte, e, se este demonstra crédito no que está sendo narrado, assumem a autoria da história e passam a narrar na primeira pessoa, ou seja, admitem que é uma experiência pessoal. Quando isso ocorre, o contador de histórias adquire autoridade, a qual só é conferida ao se acreditar no narrador. (BUSATTO, 2006, p. 23).

Dessa forma, a entrevistada fala que a sua formação é de pedagoga pela Universidade de Brasília tendo trabalhado na escola como professora de 1ª à 4ª série, mas que no momento está ficando na biblioteca da escola devido a problemas nas cordas vocais provocada pelo ritmo da sala de aula, que puxa muito a voz.

Questionada sobre o surgimento do grupo MATRAKABERTA Adriana afirma que:

O MATRAKABERTA também é uma história que daria outra contação de história, porque na realidade já tinha o Era uma vez e tinha ficado parado, e aí quando eu me casei tive a minha primeira filha, a Clara. O Marcelo sempre gostou de cantar músicas infantis [...]. Quando eu voltei para a sala, dois anos depois, comecei a sentir dor no braço e comecei a tratar como tendinite, só que logo depois comecei a sentir dor no outro braço, dei um tempo e começaram a diagnosticar que talvez fosse fibromialgia [...]. Nesse processo a Secretaria de Educação me mandou ir no psicólogo pra (sic) fazer terapia, [...] e [...] a psicóloga meio que me abriu os olhos, porque ela falou: 'Adriana, eu vou gravar uma entrevista sua só visual, pra (sic) eu te mostrar como é que você... seu corpo fica quando você tá (sic) falando da sua vida, da sala de aula, de como você tá (sic) agora e como a sua postura muda quando você começa a falar quando você tava (sic) na biblioteca contando história. Você muda completamente de postura, sua voz fica mais alta, seus ombros ficam pra (sic) traz, você começa a gesticular... a gente percebe que era uma coisa que te deixava feliz, e quando você fala da sala de aula é uma coisa que você não fica feliz.'

É evidente na narrativa da entrevistada a emoção ao falar de algo que lhe faz bem, que lhe deixa feliz. Segundo Busatto (2006, p 25) "a contação de história, ou narrativa oral de histórias, permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do ser e da realidade que o cerca [...]."

A entrevistada conta um pouco mais sobre o surgimento do grupo MATRAKABERTA:

[...] tinha um programa na televisão que se chamava Baú de História, que é da TV Cultura, que quem faz é o grupo Ópera na Mala e aí eu achava muito interessante a estrutura dele (Baú de História), por ser um homem e uma mulher, histórias, músicas e balaio, violão, um monte de bagulhada contando história. E aí eu virei (sic) Marcelo: 'Vamo (sic) contar história? Vamo (sic) montar um grupo pra (sic) contar história?' E o Marcelo topou na hora, ele falou: 'Olha, por mim tá (sic) beleza, se você contar eu fico com a parte da música.' E aí imediatamente a gente já saiu pra (sic) comprar o som, microfone, já montou uma arte pra (sic) fazer panfleto e vamo (sic).

Segundo a contadora de história, o começo do grupo na cidade foi difícil, porque ainda não existia o costume do cantador de história ir se apresentar na escola, existiam muitos palhaços, mágicos que se apresentavam, mas o contador de história ainda não tinha aparecido nesse meio.

De acordo com Adriana, com essa estrutura montou-se o grupo MATRAKABERTA. No entanto, segundo ela:

[...] a gente ia e cobrava 100 reais, 150, 1 real por criança e era complicado no começo. A gente levou muito chá de cadeira em escola porque o pessoal ficava meio assim... será que dá certo, será que não dá certo. Eu que sou professora sei como é muito comum, você tá (sic) na escola e receber aquele panfletinho, 'amanhã vai ter uma apresentação de teatro de fantoche, de mágico, de circo...', cada criança pede 1 real, pede 0,50 centavos e a gente paga.

Hoje em dia todos lutam para conquistar o seu espaço no mercado de trabalho e para os contadores de história também é assim no DF, seja em *shoppings*

centers, feiras literárias, escolas, praças, eventos de todo tipo, festas. Eles vêm batalhando pelo seu reconhecimento.

Observa-se, por meio de estudos de pesquisadores, que:

A narração de histórias no século XXI tem se configurado como profissão e, mesmo sem ser regulamentada, ela funciona assim, e já ocorrem acordos entre profissionais, seja com relação a preços praticados pelo mercado, abordagem política, ética ou estética dessa nova atividade. (BUSATTO, 2006, p. 30).

Adriana revela em entrevista que queria fazer da contação de história uma profissão, sem ser um trabalho voluntário como o desempenhado na cidade por grupos como o Viva e deixe viver em hospitais e creches, entre outros locais.

Para a entrevistada, o trabalho desempenhado por esses grupos é

[...] legal, é bonito isso, mas a minha vontade era fazer disso uma profissão, não queria que fosse um bico, como até hoje eu sou professora na Secretaria de Educação, conto história nos finais de semana, à noite, nas férias, quando dá. Mas eu tenho um sonho de reduzir a Secretaria de Educação pra 20 horas e ser contadora de história.

Os anseios da contadora de história são expostos por pesquisadores em trabalhos que mostram como

[...] não é raro ocorrer entre os contadores contemporâneos uma indisponibilidade para contar histórias em espaços que não geram lucro. [...] Ao se pensar a narração oral como uma criação do espírito animado e ancorado na memória, pode-se pensar também nas rupturas dos sentidos de arte: arte enquanto resultado da produção da sociedade de consumo. (BUSATTO, 2006, p. 31).

De acordo com a entrevistada, hoje em dia o Movimento de Contadores de História em Brasília vem aumentando, e o que ela queria mostrar para as pessoas é que viver da contação de história é possível e que surte resultado positivo.

Adriana afirma que as pessoas estão começando a dar mais valor a contação de história e com base em suas vivências percebeu que:

[...] era uma coisa legal você levar um contador pra (sic) escola e as crianças sentarem e ouvirem história. E depois, pelas próprias pessoas a gente começou a enveredar por outro caminho que foi o caminho da contação de história em festa de aniversário.

Dessa forma o MATRAKABERTA foi útil para curar a entrevistada de uma doença, devido a uma iniciativa da psicóloga, e ao mesmo tempo mostrar que era possível que a atividade se tornasse uma profissão.

Segundo Adriana, hoje o MATRAKABERTA tem mais espaço nas escolas públicas, mas infelizmente a maioria dessas escolas está totalmente depredada, sendo que recentemente surgiu a lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que estabelece que toda escola brasileira deverá ter uma biblioteca.

Para aquelas pessoas que têm interesse em fazer o curso de contação de história, a entrevistada fala que:

Hoje o curso que fiz de contadores de história ainda existe, mas mudou de nome, na minha época era Contando histórias e fazendo bonecos, se eu não me engano, hoje é a Arte de contar histórias, ele é dado nas oficinas pedagógicas em várias regionais, vários locais, por exemplo, tem uma na Samambaia, no Núcleo Bandeirante e num lugar ou outro. Infelizmente eu já tive contato com alguns professores amigos, da minha escola mesmo e de outras escolas que dizem: 'O curso é muito legal, a gente aprende muito, mas no fundo é cansativo porque é muita teoria agora,' e quando eu falo que eu aprendi foi lá a fazer a voz da bruxa, como é que a gente dá a risada, como é que a gente faz isso, eu falei assim: 'Olha não tem mais isso?' E aí eu vejo elas muito naquilo de portfólio e elas doidas correndo para fazer o portfólio sobre Monteiro Lobato, sobre a vida de Hans Cristian Andersen, sobre a arte de contar história, os contadores de histórias que vem do Brasil, sobre isso, sobre aquilo, pois é, mas eu falei assim: 'E a prática?'

Percebe-se que ainda não existe no Brasil uma preocupação para se formar contadores de história. Isso porque a contação de história não foi legalizada como profissão. Sobre a formação do contador de história modernos afirmam que:

A formação do contador ainda ocorre na informalidade, porém a institucionalização da arte de contar já vem acontecendo: em algumas universidades, por meio de cursos de extensão; por órgãos públicos de cultura e educação; organizações privadas, como o SESC [...]; organizações não-governamentais, como o Leia Brasil, e os tantos espaços privados que ministram oficinas nessa categoria. (BUSATTO, 2006, p. 29).

Ao ser perguntada sobre a composição do grupo MATRAKABERTA, Adriana diz que hoje o grupo é formado por ela e Marcelo Maciel (seu marido), e que o MATRAKABERTA já tentou várias vezes encontrar outras pessoas para que o grupo tivesse pelo menos mais um contador de história, porém é complicada a conciliação das diferentes agendas.



Fonte: MATRAKABERTA
Foto 9 – Adriana e Marcelo do grupo MATRAKABERTA

Adriana e Marcelo descobriram que gostam das mesmas coisas, do mesmo tipo de história, música, e da mesma estrutura, e se alguém estranho pretende se integrar ao grupo, as coisas podem não dar certo. Isso porque segundo a contadora “as pessoas ainda não querem dar tempo pra (sic) arte, é uma coisa que não dá espaço e quem entra às vezes parece que não quer dar muito de si [...]”. Sobre a arte alguns estudiosos mostram que esta

[...] tem sido o registro de várias civilizações, documento e testemunho, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento humano e cultural. Hoje, mais do que nunca, com a crise civilizatória, e o conseqüente monoteísmo da razão, a linguagem da arte talvez seja das poucas que fala diretamente ao coração das pessoas, particularmente, dos jovens. Além de impulsionar transformações sociais, pode contribuir para reencantar o mundo a partir do estabelecimento de fortes trocas simbólicas e formar, assim, uma comunidade de emoção. (FARIA; GARCIA, 2002, p. 39).

Apesar das eventuais dificuldades, a contadora de história pode precisar de colaboradores. Nesse caso, os amigos podem ser eventualmente convidados para participarem das atividades.

Quando questionada sobre os locais onde realiza as apresentações, Adriana cita o Shopping Boulevard, Livraria Cultura, Casa Park e o Iguatemi. O grupo também conta histórias em escolas, em sua maioria no Plano Piloto, e em Taguatinga, sendo que o grupo atua em escolas como: Leonardo Da Vinci, Cresce,

CEAV, Casa de Brinquedos e Projeção (MATRAKABERTA, 2011).

O que ocorre com o grupo MATRAKABERTA também acontece com diversos grupos de contadores de história no Distrito Federal e estes vêm buscando ampliar cada vez mais a sua atuação no cenário cultural do DF. Este fato pode ser comprovado por meio dos textos de autores que mostram o contador contemporâneo como aquele indivíduo que:

[...] agenda e se prepara para a sua apresentação, ajusta-se ao espaço físico, muitas vezes usa um figurino que o caracteriza enquanto o personagem-narrador, aguarda o público entrar, e só então inicia o espetáculo, em alguns casos permeado por aparatos cênicos. Esse personagem é presença certa nas bibliotecas, feiras de livros, livrarias e escolas. (BUSATTO, 2006, p. 30).

Sobre o público das contações de história do grupo MATRAKABERTA a entrevistada disse que:

O público são crianças na maioria das vezes até os 11 anos. Os adolescentes, pré-adolescentes, digamos assim [...] dizem que não gostam, mas é muito legal quando a gente tem às vezes a participação deles. Ontem mesmo nós contamos história no SESC e eles estavam lá, uns meninos de 12 anos e aí é interessante que eles ficam meio que não querendo ficar, mas prestando atenção, porque eles tão naquela fase de dizer que não gostam de nada e quando eles começam a ver eles começam a gostar, mas aí eles não podem rir muito porque o colega do lado vai perceber que ele tá (sic) gostando... e eles ficam entre a cruz e a espada, é, tá (sic) pagando mico, tá (sic) gostando, tá (sic) pagando mico.

A contadora de história mostra que atualmente, infelizmente ou felizmente, os contadores têm que se adequar ao tempo, precisando utilizar instrumentos como microfone, som, às vezes usar um boneco, algo a mais que o contador de histórias de antigamente não precisava utilizar. Segundo a entrevistada, antigamente o contador de história usava:

[...] só a voz e as mãos que era maravilhoso e prendia a atenção de todo mundo. Mas hoje a gente já está num mundo moderno onde a criança tem contato com o cinema 3D, a criança tem contato com o computador, com tanta coisa virtual que eu não posso às vezes ficar só na contação de história pura e secamente só na voz.

O contador de histórias hoje em dia tem que se desdobrar para competir com todo um aparato tecnológico que não tem como não chamar a atenção do público e tem que inserir elementos do dia-dia das crianças como os locais onde elas moram, apartamentos do Plano Piloto, casas de cidades-satélites e personagens de filmes que estão recentemente em cartaz para que assim a criança se sinta dentro da história e se envolva mais na narrativa. Pesquisadores mostram que:

Há que se pensar nas diferentes organizações comunicacionais da atualidade, na diversidade marcada pelo avanço das novas tecnologias, da propagação que os meios telemáticos alcançaram nessas últimas cinco

décadas e na complexidade cultural em que se move o contador de histórias contemporâneo. (BUSATTO, 2006, p. 28).

Sobre a quantidade de histórias que conta por sessão, a entrevistada informa que geralmente são três: uma história que fica só na voz, para manter a tradição, e nas outras duas, nas quais ela coloca um boneco, um adereço ou outra coisa que a relembre, pois é necessário um pouco do visual.

Para a contadora de história, hoje as crianças estão muito presas à questão da imagem:

As crianças hoje precisam do visual, mas eu tenho que manter a história tradicional só oral pra elas não esquecerem que é muito maravilhoso eu não ter nada pra ver e apenas imaginar. A gente não pode deixar a criança ver toda vez que ela escute a história, ela veja toda vez que ela tenha um livro, um fantoche pra se apoiar, porque aí ela vai perder a noção de que ela pode simplesmente fechar os olhos e imaginar tudo aquilo, ela tem que ver dentro da cabeça dela.



Fonte: Google

Foto 10-As crianças e os avanços tecnológicos

Observa-se que o contador de história tem o poder do encantar o ouvinte devido a sua forma de falar, suas pausas e o seu gestual. Estudiosos mostram que:

O corpo do narrador lança matéria significativa que se impregna no corpo do ouvinte, onde é transformada em significados, matéria vivida, experiência sentida que ninguém mais vai arrancar. As impressões que então se refletem no espírito de cada participante dessa roda mágica e mítica vão lhe acompanhar pelo resto dos seus dias, e o narrador terá lançado o verbo e nada mais será como antes. (BUSATTO, 2006, p. 106).

As histórias mais contadas pela entrevistada são: *A menina bonita do laço de fita* da Ana Maria Machado, da qual ela não consegue se desprender, pois nos primeiros sete anos de contação de história, ela nunca parou de contar. A outra é *A bruxa do avental*, que ela aprendeu com Aldanei Menegaz no curso de contação de

história, tendo inclusive, comprado seu primeiro avental lá.

As histórias que o público pede mais para o grupo são *Campo santo*, de Bia Bedran, e *Dum, dum Sererê*, resgatada da cultura de Mato Grosso por Roberto de Freitas, que mexem muito com o imaginário das crianças, utilizando só música e voz. Pode-se perceber que as histórias mais pedidas são aquelas com que as crianças mais interagem, que tem toda uma performance. Alega-se que:

[...] é próprio da performance oferecer-se ao público e, em contrapartida, aceitar a sua intervenção. A contação de histórias, como a performance, é uma linguagem artística multidisciplinar, pois envolve letra feito voz, movimento feito imagem visual, som feito paisagem sonora. Na narração oral, como na performance, considera-se o corpo do artista como objeto da arte. (BUSATTO, 2006, p. 32).

A contadora de história fala que gosta muito de contar história de acordo com o seu momento psicológico, sendo que há momentos em que adora contar *a Menina bonita do laço de fita*, e em outras conta histórias de Oscar Wilde, tais como o *Gigante egoísta*, que é uma história mais para adulto. A escolha depende do estado de espírito.

A entrevistada mostra ainda que gosta de contar histórias com superposição de elementos, como por exemplo a histórias do *Tico Tico*, ou a da *Velha debaixo da cama*, que é uma história que o grupo fez, além do *Grande rabanete*, uma nova versão do conto de Tatiana Belinky.

Quando questionada se possui as versões impressas das histórias que conta Adriana narrou que:

Algumas dessas histórias o Marcelo já começou a escrever pra mim, até mesmo pra (sic) eu não perdê-las, na minha caixola. Algumas eu escrevi, mas tá (sic) ali no computador, eu tenho vontade de escrevê-las, de escrever um livro, principalmente essas que a gente não sabe de onde veio, então eu tô (sic) fazendo uma seleção, mas o que eu já tenho tá (sic) guardado como *Tico Tico*, a *Árvore da montanha*, algumas histórias que eu não sei quem escreveu, mas eu queria fazer uma pesquisa pra (sic) ver realmente se não tem ninguém. [...] Porque eu me lembro que a própria Aldanei uma vez falou pra (sic) mim da *bruxa do avental das três ovelhinhas*, que até então a gente não sabia quem tinha escrito e aí ela descobriu numa dessas...eu encontrei. Ela falou: 'Numa feira do livro... ali na barraca tal tem o livro das ovelhinhas.' E aí se eu não me engano é um conto russo, turco, alguma coisa assim, eu não cheguei a comprar o livro, eu vi, mas não cheguei a comprar o livro. Então às vezes tem uma história que você acha que é de domínio popular, porque já vem encaminhada pra (sic) ser, mas aí quando você vai fazer a pesquisa descobre que tem alguém. Então eu queria fazer esse estudo com algumas histórias que eu gosto muito. Eu queria saber se realmente são de domínio popular, se forem eu queria escrever, queria realmente fazer um livro pra (sic) elas não se perderem.

Para a entrevistada, no momento da contação de história, os contadores têm

a liberdade de introduzir ou retirar elementos, deixar tudo apenas na oralidade, só na voz ou incluir objetos, a forma de contar também muda, a cada apresentação tem-se uma performance diferente, e isso tudo depende do feedback do público, que às vezes quer mais rápido, às vezes quer mais devagar.

Tendo em vista as afirmações da contadora de história, pode-se notar que:

A efemeridade da ação performática também é característica da ação narrativa oral. Uma contação de histórias nunca irá se repetir, por mais que a história narrada esteja memorizada, palavra por palavra. A possibilidade de participação, não só intelectual e emocional, mas física do público, faz com ela seja única, pois pode sofrer alterações por conta da platéia. (BUSATTO, 2006, p. 33)

Questionada sobre os instrumentos utilizados durante a contação de história a entrevistada responde que:

Eu utilizo tudo para contar história, o acessório que vier na cabeça, é boneco, é violão, é saco, um chapéu, é, por exemplo, a coca. Conto com uma galinha, aquela galinha ali, [...]. Então às vezes eu coloco aqui, ou usando ela, 'e aí a menina saiu com a galinha na cabeça e assim foi andando'.

Sobre os instrumentos utilizados pelos contadores de história durante suas apresentações os estudiosos citam:

[...] instrumentos sonoros, músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixas de fósforos, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados. (BUSATTO, 2006, p. 26).

Tendo em vista o que Adriana e Busatto expõem, percebe-se que hoje os contadores tentam de todas as formas atrair a atenção do público, o que é maravilhoso, pois num mundo com tantos recursos tecnológicos, poder resgatar de alguma forma aquelas antigas histórias do tempo das avós é fazer com que nossas origens sejam preservadas.

A entrevistada diz que o “bom da contação de história é que a gente vai descobrindo aquelas coisas que a gente mais se agrada.” Segundo ela, antigamente gostava muito de contar contos de fada, porém hoje a sua paixão são os contos do tipo folclórico, que não deixam de ser contos de fada, porém são mais populares e mais ligados à cultura do povo. Em relação aos contos de fada nota-se que:

O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de conto de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda, em caso de emergência. Era a emergência provocada pelo mito. O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico. (BENJAMIM, 1996, p. 215).

De acordo com Adriana as pessoas conhecem muitas lendas do Brasil, porém

as escolas vivem ensinando sempre as mesmas lendas, a do Guaraná, da noite, da lara, do Curupira, do Saci, porém existem outras que ainda não foram contadas e que estão se perdendo, como a lenda da Menina do anel que o grupo MATRAKABERTA conta em suas apresentações.

A entrevistada relata que na contação de histórias de contos folclóricos gostaria de utilizar apenas a oralidade, com o uso de material artesanal, mas isso não faria com que ela parasse de fazer sessões de contação de história de conto de fadas.

No que diz respeito ao uso de recursos técnicos pesquisadores alegam que:

Uma das particularidades da narração oral é que a sua ação acontece sem que sejam necessários os recursos técnicos [...]. Numa narração, quanto mais perto o público do narrador, mais pessoal e particularizada fica a narração. Somente esse detalhe já muda a atuação do artista, [...]. Muitas são as maneiras de se contar uma história. O teatro é uma delas, assim como o cinema, a música, a dança, a pintura, a literatura, entre tantas. Se encontramos diferenças, também encontramos elementos únicos às duas expressões artísticas, como a capacidade de lidar com a memória das emoções, criação de imagens internas que se projetam durante a atuação, domínio técnico do corpo e da voz, capacidade de concentração na ação [...] (BUSATTO, 2006, p. 34).

Observa-se pela narrativa de Adriana que, embora a contadora utilize recursos modernos em suas contações, como bonecos, microfones, etc, ela deseja aproximar a sua forma de contar dos contadores tradicionais utilizando o mínimo de recursos visuais possível.

Quanto ao tipo de histórias que o MATRAKABERTA apresenta, a contadora de história fala que o grupo faz sessões de histórias folclóricas e de contos de fadas. A entrevistada mostra que no Distrito Federal há

[...] um público maravilhoso de contar histórias, a gente tem um público que gosta muito de história, [...] e [...] a gente divide esse público em dois, [...] talvez tenha mais subdivisões aí. Mas a gente tem um público mais carente que gosta, [...] e gosta porque nunca viu nada parecido, do pai que gosta porque acha diferente, porque nunca prestou atenção, porque nunca levarão isso pra (sic) ele, porque ele tá (sic) morando na cidade simples, na favela, em lugares que não se leva nada, tem esse público que gosta por conta disso. E tem o público de classe social com poder aquisitivo maior, que gosta porque vem aquela coisa de que nossa, é o 'mundo da leitura', nossa, 'contar história', nossa, 'é uma coisa', então o contador de história está ficando entre dois pontos até elitizados. O pessoal de poder aquisitivo mais alto tem aquela consciência assim de que 'ler é muito importante, eu quero que meu filho... meu aluno leia bastante... tenha muito, tenha o melhor, seja um grande leitor, seja isso, seja aquilo' então querem ouvir você falando 'contador de história', eles crescem o olho, tipo nossa, 'que atividade intelectual maravilhosa'. As pessoas falam e eu fico besta que eu falo, nossa, como o público com mais poder aquisitivo valoriza muito o contador de história, é incrível como as escolas particulares têm muito mais abertura pro (sic) contador de história.

Pode-se observar que o Distrito Federal recentemente vem descobrindo o contador de história e esta área vem se expandindo.

Sobre a profissionalização dos contadores de história Adriana relata:

[...] é uma coisa que a gente tem um medo e um anseio. [...] Eu acho que quanto mais poder aquisitivo mais eles acham que é uma profissão, [...] eles acham que é realmente uma nova área, um novo setor da arte, digamos assim. Porque a gente tá (sic) acostumado a ver o artista que pinta, que canta, que encena, que faz fantoche, que faz o teatro de mamulengo, o teatro de sombra e agora o artista que faz a contação de história. [...] Eu vejo esse público, ele vê como um novo 'braço da arte', um novo ou antigo, ou talvez o mais antigo de todos, que estava meio que escondidinho ali. Então assim, a gente tem medo, muito grande da contação de história virar uma profissão quando a gente fala na sala de aula. É da gente depois ter que pedagogizar demais sabe [...] Então é um processo [...] muito delicado, a gente coloca o contador de história, mas a gente não pode perder esse vínculo que ele tem com o mundo, que às vezes não exige uma rotina tão grande.

Sobre a questão de tornar a contação de história um curso acadêmico alguns estudiosos alegam que:

Uma aproximação excessivamente acadêmica e/ou sofisticada pode esvaziar o conteúdo da narrativa deixando o público pouco à vontade. Da mesma forma, deve-se ter em mente que, embora o ato de contar histórias possa inserir numa proposta terapêutica ou num projeto pedagógico, não se pode agir de forma mecânica, apenas para cumprir um dever ou para ensinar o que quer que seja, de regras gramaticais a valores doutrinários. As histórias devem ser contadas por e com prazer. (MEREGE, 2009)

Hoje em dia a um debate muito forte entre os contadores de história, se esta área deve ser formalizada ou não e se for quais serão os parâmetros de avaliação do contador no local em que for trabalhar, quantas histórias terá que contar, quantas horas deverá trabalhar, quantas escolas atender, etc.

A entrevistada mostra como é contraditório ser contador de história atualmente, tendo em vista que há pouco tempo tomou conhecimento, por meio da monografia da estudante de letras Patrícia da Costa Sousa, como a palavra tem poder e que exatamente por causa do surgimento da escrita é que o contador de histórias quase desapareceu. Adriana fala que:

[...] o contador de história desapareceu, ou quase sumiu justamente quando [...] ouve a democratização do ensino da leitura [...], porque antigamente nem todo mundo sabia ler e quem falava melhor [...] era o contador de história. Não necessariamente porque as histórias eram lidas, muitas eram de oralidade, mas ele era aquele que contava história e aí quando as pessoas começaram a aprender a ler [...] começaram a não precisar mais do outro pra (sic) contar história, elas mesmas liam [...]. E hoje, olha como é que é maluco o mundo, o meu trabalho como contadora de história é incentivar a leitura.

Cunha (2009, p. 104) discorre também sobre o contador de história e sua relação com a leitura afirmando que este artista: "Divertindo, desperta o interesse

pela leitura e estimula a imaginação.” O contador de história por meio da sua forma de narrar as histórias oralmente cativa o ouvinte e o transporta para o mundo da imaginação em que o ouvinte reescreve o que está sendo contado e pode, se quiser, voltar a encontrá-lo ao ter contato com os livros.

Sobre a narração oral recorda-se que:

[...] correu o risco de se perder pelos caminhos do tempo, quando surgiram novos suportes para a transmissão dos saberes, reapareceu nas últimas décadas do século XX, num imaginário distinto, pois chegou com uma cara diferente do que já se viu. A contação de história, que para alguns contadores latino-americanos é chamada de *narración oral escênica*, assume-se agora como um espetáculo de narração oral e seus contadores apresentam *performances* elaboradas, dominam técnicas e adotam critérios na seleção do seu repertório. Eles se apropriam da vocalidade para levar um texto (seja ele recolhido por meio de registros orais ou escritos) aos seus ouvintes, estejam eles no teatro, na sala de aula, em casa, na rua, na fábrica, na festa, no parque ou no *shopping center* (BUSATTO, 2006, p. 28).

A contadora de história do MATRAKABERTA diz em entrevista que hoje os contadores de história tem que fazer com que a criança entenda que deve-se ouvir bem para ler bem, e por isso é importante desde pequeno incentivar as crianças a escutar histórias para se formar futuros leitores e adultos conscientes.

Adriana mostra ainda que ao contar histórias para as crianças

[tenta] sempre nas apresentações já levar mesmo quando a apresentação é folclórica uma frase, alguma coisa [...], fazer com que ela perceba que tudo aquilo que eu estou contando ela pode tirar de um livro, [...] pode encontrar num livro. Eu tenho que fazer com que ela perceba que se não tiver eu ou outro contador de história, o pai, a mãe ou alguém pra contar, ela leia o livro, sempre tento mostrar isso. Tanto que numa das finalizações que mais gosto [...] falo: ‘... E esses personagens acabaram se mudando pra um [...] condomínio encantado, no primeiro andar mora a Chapeuzinho Vermelho, no segundo mora a Encantada, [...].’ Então às vezes eu fico pensando nos personagens que estão no cinema, nas histórias e assim ‘ e se você quiser ir passar um dia nesse condomínio encantado é muito fácil [...] é só pegar um livro e ler, porque quando a gente lê a gente viaja pro (sic) condomínio encantado do mundo da fantasia.’



Fonte: GOOGLE

Figura 2 – Mundo da imaginação

Busatto (2006, p.30) ressalta ainda algo de grande importância para os contadores de história que são os debates. Para a autora nos dias de hoje: “Os contadores da contemporaneidade freqüentam encontros de narração oral, buscam novidades na área e criam espaços para se apresentar”.

Nota-se a importância dos encontros de contadores de história tendo em vista que durante estes debates os contadores têm contato com a cultura de outros locais, com as novidades na área e se fortalecem cada vez mais para não ocorrer o que aconteceu no passado com o surgimento da palavra escrita.

Adriana afirma que ainda hoje conta às histórias que lhe foram transmitidas por seu pai para as suas filhas, porém ainda não pôde contar nenhum desses relatos para o público, pois não teve tempo de organizá-los para que pudessem virar uma contação de história, mas tem planos para que isso aconteça no futuro. De acordo com a entrevistada a função do contador de história hoje está relacionada ao

[...] entretenimento, por exemplo, quando eu conto história no shopping, eu sou o entretenimento. Quando conto história na escola, numa feira literária, eu faço parte de um projeto literário que teve por detrás todo um outro processo de fazer com que aquelas crianças encontrassem o prazer da leitura, mas não deixa de ser um entretenimento, não deixa de mostrar pra (sic) elas a diversão de ouvir histórias.

Ao final da entrevista Adriana faz uma revelação:

O que você vai ser quando crescer Kaébe? Ela disse que vai ser contadora de história. Você vai contar história? Um dia desses ela pegou, juntou partes de pecinhas, fez um... Fez alguma coisa assim: ‘Oh mamãe, pra (sic) conta história, aqui você faz assim, aí você conta era uma vez... E aí vai contando.’

E assim a cultura dos contadores de história que tendia a desaparecer com os avanços tecnológicos vai sendo preservada passando a magia e o encantamento por meio da tradição, geração após geração.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos realizados foi possível entender a importância dos contadores de história no desenvolvimento da imaginação das crianças, na formação e incentivo ao hábito de leitura, na valorização da biblioteca como espaço de contação de história, e na consolidação de uma prática educacional e cultural que, sem dúvida, contribui para a formação da cidadania.

Isto porque uma coisa é a pessoa ler sobre a cidade e outra completamente diferente é ela escutar isso por meio dos contadores de história que por meio da linguagem oral e corporal, hipnotizam os ouvintes e os transportam para outra dimensão.

Os contadores de história contribuem com a cultura no Distrito Federal. Eles retratam a variedade de culturas da cidade e do mundo, com sua diversidade de sotaques, de cores, de credos, sendo o retrato fiel de uma região que se transforma, que se reeduca, se reinventa.

Foi possível aprender com base em todo o estudo que se deve abrir bem os olhos e as mentes para o que nos cerca, não nos restringindo a aparência das coisas. Precisa-se exercitar os ouvidos e a imaginação.

É importante aprender a ouvir, principalmente nos tempos em que se vive. Todos gostam de falar, mas poucos gostam de parar e escutar o que o outro tem para contar, devido a um mundo onde as pessoas estão presas aos ponteiros do relógio. É preciso retroceder no tempo e resgatar aqueles gostosos momentos de ir para o quarto e escutar os pais contando histórias que acabam ficando memorizadas em nos corações. Esses momentos fazem toda a diferença na formação de um ser humano.

Seria interessante que, com motivação nessa pesquisa, novos estudos pudessem ser realizados, tais como o mapeamento dos contadores de história que existem no Distrito Federal, analisando o trabalho dos contadores modernos e tradicionais, observando as técnicas utilizadas por cada grupo e comparando suas semelhanças e diferenças. Outra sugestão de estudo seria algo que mostrasse a luta para que os contadores de história possam ser reconhecidos como profissionais, bem como o porquê dessa atividade não ter sido legalizada até agora como profissão. Outra sugestão, ainda, seria quanto à utilização das bibliotecas escolares

e públicas para uma maior divulgação, não só do folclore nacional, como dos grandes autores brasileiros infanto-juvenis, por intermédio da contação de histórias.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA de Brasília. **Textos complementares**. Disponível em:
<http://www.infobrasilia.com.br/bsb_h5p.htm>. Acesso em: 05 mar. 2011.
- ABREU, Marcelo. As histórias (reais de um taxista). **Correio Braziliense**. Brasília, 10 ago. 2009. Cidades DF. p. 30 Disponível em:
<<http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia182/2009/08/10/cidades,i=133514/AS+HISTORIAS+REAIS+DE+UM+TAXISTA.shtml>>. Acesso em: 03 abr. 2011.
- ANZOLIN, Heloisa Helena. Rede Pergamum: História, Evolução e Perspectivas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.14, n.2, 493-512, jul./dez., 2009. Disponível em:
<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/640/pdf_9> Acesso em: 03 abr. 2011.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. v.1 São Paulo, 1989. p. 215
- BOLGUE, Henrique. Lições de resistência e esperança. **Correio Braziliense**, Brasília, 2010. Brasília 50 anos. p. 19 Disponível em:
<http://stat.correioweb.com.br/cbonline/2010_04/50anos/bsb19-2104.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2010.
- BOSI, Éclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219 p.
- BRANT, Ana Clara. Contadores de histórias seguem encantando gerações. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 jun. 2010. Diversão e arte. Disponível em:
<<http://www.correioweb.com.br/euestudante/noticias.php?id=11864&tp=21&tp2=19>>. Acesso em: 10 ago. 2010.
- BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**. Brasília, v. 147, n. 98, p. 3, 25 maio. 2010. Seção 1. Disponível em:
<<http://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=3&data=25/05/2010>>. Acesso em: 12/05/2010.
- BRASÍLIA Cidade mística. **Apresentação**. Disponível em:
<<http://lcrende.vilabol.uol.com.br/index.html>>. Acesso em: 11 maio. 2011.
- BRASÍLIATUR. **Monumentos históricos**. Disponível em:
<http://www.brasiliatur.com.br/turismo_urbano_monumentos_arquiteticos.html>. Acesso em: 11 maio. 2011.
- BUARQUE, Cristovam. **Cristovam: brasilienses não devem se envergonhar de comemorar os 50 anos da capital**. Disponível em:
<http://www.cristovam.org.br/portal2/index.php?option=com_content&view=article&id=3559:cristovam-brasilienses-nao-devem-se-envergonhar-de-comemorar-os-50-

anos-da-capital-1232010&catid=25&Itemid=100068>. Acesso em: 17 jul.2010.

BURCH, Sally. Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento. In: AMBROSI, Alain; PEUGEOT, Valérie; PIMIENTA, Daniel (Org.). **Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação**. Caen: C&F Éditions, 2005. p. 6

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CANTIA, Aline; REIS FILHO, Osmar. Contadores de histórias: um diálogo entre Benjamim e Zumthor. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, [Brasília]. **Anais...** [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1450-4.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

COSTA, Cléria Botelho da. Uma história sonhada. **Revista Brasileira de História**, v.17, n. 34, p.133

COUTO, Rodrigo. Cidade espacial. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 abr. 2010. Brasília 50 anos. 15 p. Disponível em: <http://stat.correioweb.com.br/cbonline/2010_04/50anos/bsb15-2104.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2010.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Contaçon de histórias**. Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008. p.104

FALCÃO, Tainá. O mundo todo aqui. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 abr. 2010. Brasília 50 anos. 25 p. Disponível em: <http://stat.correioweb.com.br/cbonline/2010_04/50anos/bsb25-2104.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2010.

FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. **Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**. São Paulo: Instituto Pólis, 2002. p. 39.

FELDMAN-BIANCO, Bela; HUSE, Donna. Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção de culturas. In: Brandão Carlos et al. **As faces da Memória**. Campinas: UNICAMP- Centro de Memória, 1987.

FELIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998. p. 42.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultura. **Brasília**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. 4 v. p.940

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. 197 p.

HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira

entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 11, n. 24, 2005, p. 125-153, jul./dez.

MACIEL, Adriana de Oliveira. **Entrevista com Adriana de Oliveira Maciel componente do grupo Matrakaberta. Os contadores de história do Distrito Federal contribuindo no incentivo a leitura**. Brasília, 10 jul. 2010. Entrevista concedida a Érica Taiane Pedrosa Melo.

MATRAKABERTA. **Matrakaberta contadores de histórias**. Disponível em: <<http://www.matrakaberta.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 maio. 2011.

MEREGE, Ana Lúcia. **Contar histórias: uma arte imortal**. [S.l]: S.n., 2009. Disponível em: <<http://ciganagabriela.blogspot.com/2009/06/artigo-contar-historias-uma-arte.html>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

MENEZES, Leilane. O homem da mala azul. **Correio Braziliense**. Brasília, p. 30. 4 maio, 2011. Caderno Cidades DF.

NEDER, Divina Lúcia de Souza Medeiros, et al. **Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar**, [S.l], v. 1, n. 1, p. 1-141, jan./jun. 2009.

OTTE, Monica Weingärtner; KOVÁCS, Anamaria. **A magia de Contar Histórias**. Instituto Catarinense de Pós-/Graduação. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br>>. Acesso em: 07 mar. 2011.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SOUZA, Leila. A importância da leitura para a formação de uma sociedade consciente. In: PROCEEDINGS ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA DA INFORMAÇÃO - CINFOM, 7, Salvador, 2007. [**Anais eletrônicos...**]. Salvador: [s.n.], 2007. p. 01-11. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00001095/01/aimportanciadaleitura.pdf>>. Acesso em 07 mar. 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 385 p.

TIMM, Paulo. **Nós os Brasileiros: nós temos filé de frango....** Brasília: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/cronicas-artigos/nos-os-brasilienses-nos-temos-file-de-frango-987484.html>>. Acesso em: 18 ago. 2010.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

I- Identificação:

Nome:

Procedência:

Idade:

II- Profissional:

Ocupação principal:

Participação em cursos para formação de contadores de história:

Nome do curso realizado:

Onde e quando realizou o curso:

Onde conta as histórias?

Quem são os ouvintes?

Tempo de duração de uma sessão de contos.

Periodicidade que conta as histórias.

O público reconhece a ocupação de contador de história como uma profissão?

III-Histórias contadas:

Principais histórias contadas:

Como conta as histórias?

Qual a história que mais gosta?

Qual o público mais gosta?

Utiliza algum recurso para contar histórias?

Percebe a reação do público quando conta as histórias?

Como tem sido a reação do público do DF com a contação das histórias?

IV-Motivação para contar histórias:

O que a influenciou para que se tornasse um contador de histórias?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Meu nome é Adriana de Oliveira Marciel, tenho 37 anos, nasci em Brasília, mas aos 12 anos mudei para Fortaleza, meus pais eram de lá. Então morei 12 anos lá, depois vim pra (sic) cá. Meu pai era aposentado, minha mãe artesã, então a gente era meio alma cigana.

A gente morava cinco meses em Brasília, seis meses em Fortaleza, seis meses em Brasília, seis meses em Fortaleza, depois a gente ficou mais adulto. Tivemos que parar por causa da faculdade, essas coisas, deu uma paradinha e eu me formei na UnB em Pedagogia pra (sic) educação especial.

Dei aula durante dois anos na educação especial, já era professora da Secretaria de Educação, mas nesses dois anos, eu descobri que não era a minha área, eu não queria ficar e desisti da área de educação especial, e fiquei como professora de rede. Mas a área que eu gosto mesmo dentro da educação que a gente pode falar, assim seria a área da biblioteca, que foi onde eu comecei na Secretaria de Educação.

Quando eu entrei fui chamada num concurso, mas não tinha vaga em sala de aula na escola onde queria trabalhar que era em Brazlândia, que foi onde eu conheci a Aldanei, inclusive na Oficina Pedagógica.

E o que aconteceu, me botaram na biblioteca, e naquela época era biblioteca de escola candanga, que tinha que ser centro da escola, todos os projetos, todas as coisas tinham que sair daquela biblioteca.

Então a gente tinha que fazer muitos cursos, dinamização de biblioteca, organização e a parte diferencial, e foi aí que eu comecei a fazer o curso Contando história e fazendo boneco, que foi dado na Oficina Pedagógica pela Aldanei e pela equipe que trabalhava lá, na época em 1998.

Se eu não me engano, era o primeiro curso em Brasília, elas estavam repassando e foi um curso muito gostoso porque foi muito prático, a gente não ficou só na teoria, inclusive na época, a gente não tinha nem tanta teoria assim. Hoje eu sei que o curso continua sendo dado, mas os professores até estão reclamando porque hoje tá (sic) muito assim, muita teoria, a “vida de Monteiro Lobato”, “Hans Cristian Andersen” e não tá (sic) indo muito na prática.

No começo eu acho que foi gostoso porque a gente estava construindo junto,

então a gente tinha muito... como se faz a voz da bruxa, como se faz uma contação de história, como se faz a voz do anão. Então a gente sempre tinha aquela coisa de ler um livro, contar uma história. Então uniu muitas experiências novas, tanto do pessoal que estava fazendo como de quem tava (sic) dando o curso, veio a Miriam, veio outras pessoas apresentar a contação de história pra (sic) gente, nesse meio tempo a gente ia construindo bonecos, reformando alguns livros e com essa experiência de curso eu comecei a contar história na biblioteca de Brazlândia.

No ano seguinte a minha companheira de biblioteca, que era a Francinéia Alvez, também fez o curso e a gente juntou, e resolvemos montar o grupo chamado *Era uma vez*, que era eu, Francinéia e a Adriane que era uma professora também da Secretaria de Educação que fazia Artes na UnB.

Então montamos o Era Uma Vez e a gente ficava contando história mais nas bibliotecas de Brazlândia, uma biblioteca ou outra de escolas e fizemos uma parceria com o zoológico, aquela coisa toda. Mas como chegou depois de dois anos cada uma foi pra (sic) uma regional diferente, e acabou sem ter tempo para se encontrar, e aí o grupo acabou dando um tempo.

A gente deixou o Era Uma Vez pra (sic) lá, mas a contação de histórias aconteceu mesmo assim. O contato com a contação de história na realidade, como o *Correio Braziliense* perguntou um dia desses, quando eles fizeram uma entrevista com a gente, nessa reportagem ela perguntou como é que tinha sido começar a contar história, eu falei, olha na prática começar a contar histórias foi quando eu fiz o curso, eu descobri que gostava da contação de história.

Mas como eu descobri, como aprendi a ser contadora de história, eu acho que na realidade foi com meu pai, que era um contador de história, morreu com 95 anos, agora dia 8 de dezembro. Faz sete meses que faleceu, oito meses, e assim, ele sempre... ele nunca parou de falar, a gente dizia que ele tinha fôlego demais. Era um contador de causos e contava. Teve uma vida muito difícil no começo e depois uma vida muito cheia de dádivas. Ele foi muito abençoado, assim no sentido de que as coisas foram sendo fáceis para ele depois, porque eu acho que era uma pessoa que estava sempre de bem com a vida, nunca teve mau humor, nunca vi meu pai mau humorado.

Meu pai era de Pernambuco e assim, as histórias e os causos que ele contava eram histórias verdadeiras, eram histórias que ele viveu. Aqui e ali ele tinha

uma anedota como era chamado, ele tinha umas piadas que ele contava pra (sic) gente, mas a maioria das vezes eram histórias de vida mesmo, de coisinhas simplórias engraçadíssimas, histórias que você nunca achava que poderia ter acontecido com uma pessoa e aconteceu com ele.

E ele (pai de Adriana) sempre contava as histórias dele assim tim, tim, por tim, tim, pedacinho do começo e quando ele repetia e a gente “ah, a gente já conhece essa”, mas sempre tinha alguma coisa a mais, e aí a gente fala que durante muitos anos ele nunca repetiu histórias.

É que ele tinha muita história de vida pra (sic) contar, justamente por ele ter perdido os pais muito cedo, foi abandonado.

Eu falo que ele (pai de Adriana) tinha uma história que parece conto de fada, a mãe morreu muito cedo, o pai ficou, casou novamente, a madrasta com mais dois filhos não gostava dele, nem dos irmãos, expulsou os irmãos, expulsou ele de casa e os irmãos se perderam todos e foram se encontrar 20... 25 anos depois no Rio de Janeiro.

Ele, mais novo, ficou trabalhando de rota em rota em Pernambuco, então saiu de uma vida de luxo, meio Cinderela, que tinha tudo, a madrasta expulsou e no final de tudo, quando ele cresceu que voltou na cidade a madrasta tava (sic) pobre e na miséria e ele e os irmãos foram ajudar lá na casa, sabe.

É uma história de vida muito grande, e nesse tempo que ele ficou de roça em roça trabalhando por um prato de comida ele viveu muitas aventuras mesmo.

Parece história de conto de fada, assim de sonhar que ao trabalhar com carvoaria sonha no meio da madrugada que o muro todo ia cair, e de repente ele acorda todo mundo, para retirar dali, e ele contava pra (sic) gente: “Eu tirei todo mundo um menino de sete anos de idade, um de oito anos e o povo brabo comigo porque eu tava (sic) acordando todo mundo, quando eu terminei de tirar o último, o muro da carvoaria realmente caiu... eu tirei todo mundo.”

Então assim, ele tinha muita coisa. O pai dele, o meu avô tinha isso também, de ter sonhos, de prever o futuro. Eu me lembro que ele contava chorando as histórias do seu avô que ajudava todo mundo na cidade e na época plantou milho, plantou feijão, e o milho e o feijão não nasceram, e o povo muito triste. Aí ele foi na roça, olhou o milho e o feijão, tava (sic) tudo muito encruado mesmo, não ia ter jeito, não ia dar pra dar aquele alimento pro (sic) povo, porque ele era o que tinha mais

poder aquisitivo na época.

Aí ele foi dormir e pediu, rezou, pediu a Deus que desse uma solução, e a noite ele teve um sonho de que ele estava andando na plantação e estava à plantação toda madura, toda verdinha, milho todo pronto, feijão, e ele acordou na madrugada chamando os filhos, chamando todo mundo no canto do falofê: “Vamo (sic), vamo (sic), colher !” E tudo muito distante... tinha visto que às seis horas da tarde não tava (sic) nada bom.

Pega a noite de sonho e foi todo mundo pra roça de madrugada, meu pai conta que quando já estava quatro... cinco horas da manhã já estava perto do dia amanhecer e quando o dia foi amanhecendo eles foram catando o feijão e o milho, tava (sic) tudo maduro.

E eles tem essas histórias e tinha histórias de vida, uma atrás da outra e ele era um grande contador de histórias e eu ouvi tudo isso. Sofri a influência do meu pai e é muito engraçado porque eu tenho uma irmã por parte de pai que já tem 55 anos e ela conta quando meu pai faleceu. Quando foi em março... não... foi em maio, eu conto histórias todo sábado no shopping *Boulevard* e o esposo dela foi lá ver a gente contar.

Ela (irmã de Adriana) tava (sic) viajando pro Chile, e o esposo dela foi ver a gente contando história e assim... é espírita, tem toda aquela coisa, mas eu achei muito engraçado porque eu terminei de contar história, ele saiu e veio falar com a gente, todo mundo saiu e aí o Newton chegou pra mim, o nome dele é Newton, falou assim: Olha vou falar pros (sic) seus irmãos que se eles quiserem ver o pai de vocês aqui de novo é só vir aqui, porque eu tenho certeza que quando você contava histórias ele tava (sic) do seu lado. De todos os filhos, aquele que ficou com aquilo que ele tinha de mais característico, que era o jeito falador, contador de histórias que ele tinha foi você. É igualzinho quando você está contando histórias, a gente está vendo seu pai.

Fiquei muito feliz por isso, porque ele (pai de Adriana) morreu aos 95 anos e morreu assim, com muita saúde. Morreu porque deu aneurisma e conviveu com esse aneurisma durante cinco anos, mas o médico disse que uma hora ele ia romper e rompeu, então teve uma morte rápida também e indolor.

Então ele era o grande contador de histórias da família, a minha grande tristeza é não ter feito um livro dele contando todas as histórias ainda vivo. Mas eu

tenho um sonho de um dia ainda tentar reunir todas as histórias que eu conheço, que eu me lembro dele (pai de Adriana) e escrever um livro, porque são histórias demais.

Olha, eu voltei pra (sic) cá (Brasília), eu tô (sic) hoje com 37, voltei pra (sic) cá eu tava (sic) com 26... não com 24 anos, voltei mais ou menos uns... vai, faz as contas, que eu sou boa contadora, mas boa de matemática eu não sou não. É, na realidade eu voltei foi com 24? Não com 22... foi. Eu fui com 12... 11 anos para Fortaleza, morei dos 11 direto até os 22 anos e dos 22 anos eu já tô (sic) direto, então tem mais ou menos uns 15...16 anos que eu tô (sic) direto em Brasília, que a gente parou, sossegou um pouco o facho (sic) .

A minha formação é pedagoga, mas eu trabalho na escola como professora do ensino fundamental das séries iniciais, 1ª à 4ª série. Agora eu tô (sic) ficando na biblioteca da escola, que tô (sic) tentando revitalizar, porque eu tô (sic) tendo que me afastar por problemas nas cordas vocais.

Na realidade não é um problema nas cordas vocais por causa da contação de história, isso a minha terapeuta e o otorrino já deixaram bem claro, a questão é a sala de aula, o ritmo da sala de aula que acaba deixando uma rouquidão na voz. Cinco horas brigando, cinco horas dando aulas, cinco horas falando, puxa demais a voz, mas contar histórias é a hora que eu menos puxo a voz.

O MATRAKABERTA também é uma história que daria outra contação de história, porque na realidade já tinha o Era uma vez e tinha ficado parado, e aí quando eu me casei tive a minha primeira filha, a Clara. O Marcelo sempre gostou de cantar músicas infantis, quando ela nasceu ele ficava tocando músicas pra ela (Clara), e dois anos depois eu comecei a apresentar, eu já tinha saído da biblioteca, já tinha entrado na sala de aula. Eu na realidade não queria ter saído da biblioteca, queria ter continuado porque me identifico mais com a biblioteca do que em sala de aula.

Quando eu voltei para a sala, dois anos depois, comecei a sentir dor no braço e comecei a tratar como tendinite, só que logo depois comecei a sentir dor no outro braço, dei um tempo e começaram a diagnosticar que talvez fosse fibromialgia, que é uma doença psicossomática. Começou a doer um braço, o outro e a doer as duas pernas e eu comecei a ter insônia, essa coisa toda, e o reumatologista diagnosticou fibromialgia.

Nesse processo a Secretaria de Educação me mandou ir no psicólogo pra fazer terapia, porque devia ser coisa psicossomática, que eu não tava (sic) bem e nesse meio tempo a psicóloga meio que me abriu os olhos, porque ela falou:

Adriana, eu vou gravar uma entrevista sua só visual, pra (sic) eu te mostrar como é que você... seu corpo fica quando você tá (sic) falando da sua vida, da sala de aula, de como você tá (sic) agora e como a sua postura muda quando você começa a falar quando você tava (sic) na biblioteca contando história. Você muda completamente de postura, sua voz fica mais alta, seus ombros ficam pra (sic) trás, você começa a gesticular... a gente percebe que era uma coisa que te deixava feliz, e quando você fala da sala de aula é uma coisa que você não fica feliz.

Então ela falou: “Eu sugiro que você volte a contar história que na minha opinião o seu remédio vai ser contar história. E aí o que você vai fazer?”

E como a Clarinha era pequena e o Marcelo gostava de cantar música pra ela, tinha um programa na televisão que se chamava Baú de História, que é da TV Cultura, que quem faz é o grupo Ópera na Mala e aí eu achava muito interessante a estrutura dele (Baú de História), por ser um homem e uma mulher, histórias, músicas e balaio, violão, um monte de bagulhada contando história.

E aí eu virei pro Marcelo: “Vamo (sic) contar história? Vamo (sic) montar um grupo pra (sic) contar história?” E o Marcelo topou na hora, ele falou: “Olha, por mim tá (sic) beleza, se você contar eu fico com a parte da música.” E aí imediatamente a gente já saiu pra comprar o som, microfone, já montou uma arte pra fazer panfleto e vamo (sic).

E no começo era difícil, porque o pessoal não tinha o costume do cantador de história ir na escola pra (sic) ... como é que a gente fala? Como a gente tem muito palhaço que vai na escola, a gente tem mágico que vai na escola, mais a gente não tinha um contador de história.

Nessa estrutura de contador de história, de até você cobrar por isso, porque a gente vai montar um grupo de contador de história, mas lógico que a gente não pode fazer uma coisa beneficente, a gente quer viver da contação de história, quer fazer da contação de história uma profissão, então pra (sic) isso a gente vai começar a cobrar sim!

E eu me lembro que a gente ia e cobrava 100 reais, 150, 1 real por criança e era complicado no começo. A gente levou muito chá de cadeira em escola porque pessoal ficava meio assim... será que dá certo, será que não dá certo. Eu que sou professora sei como é muito comum, você tá (sic) na escola e receber aquele

panfletinho, “amanhã vai ter uma apresentação de teatro de fantoche, de mágico, de circo...”, cada criança pede 1 real, pede 0,50 centavos e a gente paga.

Eu falei: “Olha eu acredito que dá pro (sic) contador de história fazer isso também, eu não conheço ninguém que faça, mas dá pro (sic) contador de história fazer.” E a gente investiu nisso, tanto é que o primeiro panfleto que a gente fez foi um que tinha lá embaixo o espaço, o dia da apresentação e o valor que cada criança tinha que dar.

Eu pensei, eu quero fazer disso uma profissão, não quero que seja uma... Como é que a gente fala que o pessoal tá (sic) fazendo muito hoje... caridade, é! Caridade, voluntariado, não quero que seja um voluntariado.

Então, eu não queria que fosse um voluntariado, porque tem muita gente contando história em hospital, em creche... não tô (sic) dizendo que isso não é legal, é legal, é bonito isso, mas a minha vontade era fazer disso uma profissão, não queria que fosse um bico, como até hoje eu sou professora na Secretaria de Educação, conto história nos finais de semana, à noite, nas férias, quando dá.

Mas eu tenho um sonho de reduzir a Secretaria de Educação pra (sic) 20 horas e ser contadora de história. Eu acho que hoje tá (sic) crescendo, que já existe um movimento em Brasília, se eu não me engano o pessoal da Associação de Contadores de História enviou um e-mail para o Marcelo dizendo que hoje o contador de história já é profissão, então você já pode pagar INSS, já pode fazer tudo isso com o título de contador de história, e isso é o que eu gosto.

Eu queria mesmo provar pra mim, provar para as outras pessoas que é possível a gente viver da contação de história e deu certo sabe! Deu certo porque as pessoas começaram a gostar, começaram a ver que dava pra gente sim! Que era uma coisa legal você levar um contador pra escola e as crianças sentarem e ouvirem história. E depois, pelas próprias pessoas a gente começou a enveredar por outro caminho que foi o caminho da contação de história em festa de aniversário.

Quando a gente tá (sic) muito acostumado a ver palhaço, a bola mania, a pintura de rosto... e não foi à gente que teve essa ideia, foi o próprio pessoal das escolas que começaram a ver a gente, pai e professor: “Ah, meu filho vai fazer uma festa de aniversário, você não quer dar um pulinho lá?” E aí a gente foi vendo que era legal e hoje é muito gostoso porque sempre que a gente faz festa sempre tem uma, duas ou três pessoas que pegam o cartão da gente e falam: “ Olha, tá (sic)

muito legal, nunca vi isso na minha vida, né”.

A última festa que a gente fez agora foi na ASBAC, na semana passada teve um pessoal que chegou e falou: “Olha... eu sou do Rio de Janeiro, já fui em vários lugares e nunca vi contador de história em festa, isso é maravilhoso.” Eu acho isso muito legal, é uma forma de você levar um pouco de outras culturas pra (sic) festa de seu filho.

Aí o MATRAKABERTA surgiu nesse rompante mesmo, pra (sic) me livrar de uma doença, por uma iniciativa da psicóloga, por uma questão também de querer mostrar que era possível a profissão de contador de história, tanto é que nunca mais tive fibromialgia, apesar dos médicos falarem que fibromialgia é incurável, que não tem cura, não tem isso, não tem aquilo.

Mas quando você começa a conversar com os psicólogos e com outras pessoas todos eles falam que é uma doença psicossomática, é uma doença que você vai desenvolver se você não tiver bem com você mesma, se você estiver fazendo uma coisa que você não gosta. Então eu descobri que dentro da Secretaria de Educação não dava pra (sic) eu fazer muita coisa, porque acaba que lá eles fecham muito, é restrito, não aproveita muito o que você pode fazer.

Então já que não dava pra contar histórias dentro da Secretaria de Educação da forma que eu gostaria e eu já tava (sic) lutando há muito tempo pra (sic) ir para uma biblioteca... Mas chegou uma época que todas as bibliotecas foram fechadas e professor tinha que ir para a sala de aula exclusivamente, só sala de aula, porque faltava professor, biblioteca era depósito de livro, ficou fechada, sumiram muitos livros, aquela coisa toda.

Isso foi me deixando cada vez mais triste, como eu não podia fazer nada dentro da Secretaria de Educação, eu então fui investir na contação de histórias por fora. E hoje graças a Deus o grupo deu certo, tem sete anos mais ou menos e a Clara tem uns oito... foi um ano ou dois depois, tá (sic) beirando seis...sete anos.

O MATRAKABERTA hoje já tem bastante espaço dentro das escolas graças a Deus, as bibliotecas estão começando a ser reabertas e infelizmente totalmente depredadas. Surgiu agora uma nova lei, eu não sei se ela já passou, me disseram que já, foi baixada uma lei federal que agora toda escola vai ter uma biblioteca, toda escola vai ter que ter uma biblioteca e assim, eu espero que dê certo.

Tanto é que agora depois de anos a voz começou a falhar, e aí agora se eu

realmente conseguir ir pra (sic) biblioteca saio da sala de aula.

Hoje o curso que fiz de contadores de história ainda existe, mas mudou de nome, na minha época era Contando histórias e fazendo bonecos, se eu não me engano, hoje é a Arte de contar histórias, ele é dado nas oficinas pedagógicas em várias regionais, vários locais, por exemplo, tem uma na Samambaia, no Núcleo Bandeirante e num lugar ou outro.

Se você é secretariada a inscrição e os professores vão fazer, mas infelizmente eu já tive contato com alguns professores amigos, da minha escola mesmo e de outras escolas que dizem: “O curso é muito legal, a gente aprende muito, mas no fundo é cansativo porque é muita teoria agora”, e quando eu falo que eu aprendi foi lá a fazer a voz da bruxa, como é que a gente dá a risada, como é que a gente faz isso, eu falei assim: “Olha não tem mais isso?”

E aí eu vejo elas muito naquilo de portfólio e elas doidas correndo para fazer o portfólio sobre Monteiro Lobato, sobre a vida de Hans Cristian Andersen, sobre a arte de contar história, os contadores de histórias que vem do Brasil, sobre isso, sobre aquilo, pois é, mas eu falei assim:” E a prática? “Eu tô (sic) vendo assim... eu não tomei todo o curso e tô (sic) falando isso pelo depoimento de oito... dez colegas de trabalho que fizeram o curso e que reclamaram. O curso é muito bom na teoria, pra (sic) gente aprender a gente sai de lá com uma bagagem enorme sobre o que é a contação de história, fazer livro, caixa, até material para você construir, para você usar ele tá (sic) muito rico. Mas parece que tá (sic) ficando a desejar na parte de “vamos lá, larga tudo, vamos fazer uma roda.”

Os componentes do MATRAKABERTA é eu e o Marcelo, na realidade a gente tentou várias vezes colocar outras pessoas pra (sic) ter pelo menos mais um contador de história, mas é complicado a gente conseguir encaixar tempo. Não consegue encaixar o mesmo tipo de interação, a gente descobriu que no final das contas a gente gosta da mesma coisa. Eu e o Marcelo gostamos do mesmo tipo de história, do mesmo tipo de música e da mesma estrutura, e quando entra uma pessoa diferente não encaixa muito e o problema não é encaixar nos mesmos gostos, na mesma estrutura que a gente e nos mesmos tempos que a gente.

É muito complicado porque infelizmente as pessoas ainda não querem dar tempo pra (sic) arte, é uma coisa que não dá espaço e quem entra às vezes parece que não quer dar muito de si, então a gente deixou de procurar.

Hoje o MATRAKABERTA é Adriana e Marcelo e se a gente faz é com colaboradores, então acontece de uma vez ou outra precisar de outra pessoa e a gente contrata, chama amigos que sabe que contam histórias e a gente fala que vai precisar fazer uma apresentação extensa e precisa de mais pessoas, vamos montar uma apresentação? Então tem colaboradores que ajudam a gente nesta parte.

Eu conto histórias no Boulevard e na Livraria Cultura, a gente conta no Casa Park e tá (sic) começando no Iguatemi. Contamos também histórias em escolas na maioria das vezes no Plano, aqui em Taguatinga nós temos escolas, tem o Leonardo Da Vinci que a gente tem parceria, Cresce, CEAV, Casa de Brinquedos, Projeção que a gente já contou algumas vezes. Mas a maioria das escolas que a gente conta é (sic) no Plano.

O público são crianças na maioria das vezes até os 11 anos. Os adolescentes, pré-adolescentes, digamos assim, dos 11, 12, 13 dizem que não gostam, mas é muito legal quando a gente tem às vezes a participação deles. Ontem mesmo nós contamos história no SESC e eles estavam lá, uns meninos de 12 anos e aí é interessante que eles ficam meio que não querendo ficar, mas prestando atenção, porque eles tão naquela fase de dizer que não gostam de nada e quando eles começam a ver eles começam a gostar, mas aí eles não podem rir muito porque o colega do lado vai perceber que ele tá (sic) gostando... e eles ficam entre a cruz e a espada, é, tá (sic) pagando mico, tá (sic) gostando, tá (sic) pagando mico.

Mas é muito legal que quando termina... ontem eles estavam numa feira de livro e quando ela termina cada um tinha um livro que era deles, que depois eles iam fazer a troca e que eles liam e podiam levar pra casa e no final da história eles fizeram uma fila imensa querendo que eu e o Marcelo autografássemos o livro, colocamos MATRAKABERTA numa penca de livros.

Mas assim, eles não percebem que eles gostam. A gente diz que tem um lapso no tempo nas idades que é assim, eles gostam de histórias até os 11 anos mais ou menos, depois começam a dizer que eles não gostam, eles entram na fase de adolescente que realmente começam a dizer que não gostam, não querem nem saber e quando eles geralmente começam... voltam aos 20...20 e poucos eles começam a gostar de novo.

Então a gente diz que tem um lapso, que aí começa a fase do adulto. O adulto se fascina, é muito interessante quando a gente tá (sic) contando história, eu gosto

de ver a cara dos adultos, das crianças eu já sei que elas ficam fascinadas, então não é surpresa, já é comum, eu já sei que é fato elas ficarem prestando atenção, é uma história antiga. Tem criança que realmente levanta no meio da sessão e diz: “Eu quero ir embora!”

E eu fico lá frustrada, “o que que foi? Não sou boa contadora de história?” Não, mas é porque faz parte mesmo do momento, a história não atingiu, a história não era a história dela, mas o comum, não é o normal porque não deixa de ser normal ela não gostar, na realidade é o comum... O comum é elas gostarem, elas ficarem ali, ficcionadas, com o olhinho brilhando... Agora o gostoso é quando a gente vê o adulto assim, e o adulto fica porque eu já vi muita contação de história do menino sentado no colo do pai, “eu quero ir no banheiro ! Peraí, peraí que ainda não terminou!”

“Mãe eu quero, eu quero refrigerante! (criança)”

“Senta que não terminou ainda, né! (mãe)”

E assim, eu também sou assim, muita das vezes eu vou assistir uma contação de história ou assistir alguma coisa que não tá (sic) atingindo as meninas, que elas não tão gostando muito e elas querem fazer uma outra coisa e eu não, “só depois que terminar, né”, porque eu fico ficçada ali, é uma... Porque eu também sou uma apaixonada.

Mas eu gosto muito de contar história pra (sic) adultos... Gosto de contar história pra (sic) criança e tenho um projeto, uma vontade muito grande de fazer uma sessão de contação de história só pra (sic) adulto.

E tenho experiências maravilhosas, eu tenho uma na feira do livro, não lembro se foi no ano passado ou no ano retrasado, não consigo lembrar agora, acho que foi no ano passado, que terminei de contar história e quando todo mundo saiu fiquei arrumando as coisas e aí veio uma senhora já toda de cabelo branquinho, e ela chegou, eu tava (sic) assim no canto e ela quietinha: “Oi!” E eu: “Oi!”

Eu levantei e ela veio falar comigo: “Posso te dar um abraço?” Ela me deu um abraço apertado e falou assim: “Muito obrigada, você me lembrou tanto quando eu era criança...”

Sabe e aí eu chorei, porque a gente se emociona e ela falou: “Me lembrei tanto de quando meu pai contava história pra mim, me lembrei tanto de contando histórias pros (sic) meus netos, é tão bom ouvir histórias...”

Então já tive esta experiência, tive outra também, que já pediu a mesma coisa, um abraço. Festa de aniversário às vezes tem sempre a vovózinha e o vovô que tá (sic) lá no canto que chegam...

Olha é tão gostoso ouvir história e é tão bom quando eles falam em história, eu me sinto extremamente lisonjeada quando vem uma pessoa já de idade, com tanta experiência de vida e que traz na história de vida dela o contador de história original sabe, aquele contador que ficava debaixo da árvore, que ficava no meio da praça do interior, aquele contador de história e ela virar pra (sic) mim e falar: “Você me lembrou!” Eu digo: Nossa eu tô (sic) bem!

Eu tô (sic) bem na fita, porque eu consegui fazer uma pessoa com tanta tradição de história lembrar dessa época que ela ouvia história. Porque hoje infelizmente ou felizmente, a gente tem que se adequar ao tempo, a gente precisa usar microfone, precisa usar som, às vezes usar um boneco, uma coisa a mais que aquele contador de história não usava. Ele usava só a voz e as mãos que era maravilhoso e prendia a atenção de todo mundo.

Mas hoje a gente já está num mundo moderno onde a criança tem contato com o cinema 3D, a criança tem contato com o computador, com tanta coisa virtual que eu não posso às vezes ficar só na contação de história pura e secamente só na voz.

Então eu gosto de quando eu tô (sic) contando história, geralmente são três, que é um tempo bom pra eles conseguirem prestar atenção, o que dá em torno de 40 minutos, eu gosto de manter uma só na voz, pra manter essa tradição e as outras duas eu coloco um boneco, um adereço, alguma outra coisa que me remeta, que me volte aquela história, fazer um varal contador de história, uma outra técnica porque eu preciso um pouco do visual.

As crianças hoje precisam do visual, mas eu tenho que manter a história tradicional só oral pra elas não esquecerem que é muito maravilhoso eu não ter nada pra (sic) ver e apenas imaginar. A gente não pode deixar a criança ver toda vez que ela escute a história, ela veja toda vez que ela tenha um livro, um fantoche pra se apoiar, porque aí ela vai perder a noção de que ela pode simplesmente fechar os olhos e imaginar tudo aquilo, ela tem que ver dentro da cabeça dela.

Então lógico, tem umas questões, como a da história do boi, que não dá todas as três tem boneco visual, mas ela é diferente, ela é uma contação de história mais

folclórica que eu quis que tivesse as três, mas nas outras, eu gosto sempre de manter uma história só na voz, ou então com adereço pequenininho, só um chapéu, porque ela precisa dar certo.

As histórias mais contadas são: *A menina bonita do laço de fita*, eu não consigo me desprender dela, nem todas as contações eu conto, mas ela sempre assim nos primeiros sete anos eu nunca parei de contar. Eu acho que eu nunca consegui ficar um mês sem contar *a Menina bonita do laço de fita*, a outra é *a bruxa do avental* que eu aprendi com a Aldanei e com a Miriam nesse curso, inclusive comprei meu primeiro avental com elas, mas é uma história que a gente foi criando em cima da história.

A gente foi tomando posse de um jeito que foi incorporando o violão na hora do susto, porque o menino vê a bruxa saindo, ela dá três pulos...quando ele vê ela saindo, e ao mesmo tempo o Marcelo bate de uma vez o violão.

Então a gente une o visual com o auditivo e os meninos tomam um susto que tem menino que quase cai da cadeira, os do meio do caminho, e ela é uma história que eu ando com ela dentro da mala.

Pra (sic) onde eu vou ando com ela, porque acontece muito de eu ir em escolas repetidas vezes e contar novas histórias, porque sempre que a gente vai a gente conta, principalmente quando a gente tá (sic) indo mais vezes na escola, mas os próprios meninos pedem “conta de novo a da bruxa, conta a da bruxa”, e os meninos querem e essa eu não consigo largar.

As histórias mais pedidas são: *Menina bonita*, *A bruxa do avental*, a mais pedida e *Campo santo* da Bia Bedran também é muito pedida e aí tem uma história que eu tô (sic) com ela na cabeça aqui e não consigo lembrar agora, mas depois eu lembro. Eu acho que essas na realidade são as que as crianças interagem muito com elas.

Tem uma que é a do *Dum, dum Sererê* também, que eu aprendi com a Miriam e eu achei maravilhosa, quem conta é Roberto de Freitas que é um contador de histórias, eu acho de Minas Gerais e ele conta muito bem, e aí eu vi ele contando e depois vi a Simone e me apaixonei pela história e comecei a contar também. Mas é uma história que realmente mexe bastante com a imaginação das crianças, porque ela mesma não tem nada, ela é só voz e música.

A Menina bonita do laço de fita, eu não sei, se é a que eu mais gosto, se é

que eu mais gosto, mas é que acaba... é complicado. Eu gosto muito da história por época sabe, é muito de época, tem época que eu adoro contar a *Menina bonita do laço de fita*, tem época que eu adoro contar a história do *Oscar Wilde*, que são histórias para sonhar, são histórias mais pra adultos, então o *Gigante egoísta* eu adoro contar.

Eu gosto muito de contar às histórias que tem superposição de elementos, de personagens então, por exemplo, a histórias do *Tico Tico*, vai fugindo, vai fugindo, e a história da *Velha debaixo da cama*, que é uma história que a gente fez que é uma música. O Marcelo faz a parte da música e eu em cima da música criei a história... “Era uma vez uma velha, a velha foi na feira e resolveu ir criar um gato e a velha comprou...” e aí a gente coloca elementos que a criança entenda... “uma cama *king size* e era uma cama muito grande e ela estava se sentindo muito sozinha então a velha resolveu criar um rato, como é o barulho do rato?” E os meninos fazem.

Então eu gosto de ir colocando “e o cachorro latiu, o rato chiava, o gato miava, o rato chiava e a velha dizia, aí meu Deus que acaba tudo...”, então eu gosto das histórias que vai colocando elementos.

Que vai colocando, eu gosto, a minha cabeça gosta muito de mexer, tem o *Grande rabanete*, que é um conto da Tatiana Belinky que também vai... “e ah...o cachorro que segurou na menina, a menina no menino, o menino na vó, a vó no vô, o vô no rabanete” e aí o Marcelo, puxa que puxa...

E é muito de época, tem época que eu gosto de contar uma, tem época que eu gosto de contar outra, depende muito de como está o meu estado de espírito.

Que história você quer que eu conte? Porque tem histórias que eu descobri que me acostumei tanto com a participação do Marcelo, com a música que falei assim, gente eu acho que preciso tocar violão agora ou a zabumba ou qualquer coisa parecida porque agora eu me enfiei na música, na história.

Eu tentei, uma vez dessas, eu precisei contar uma história, eu acho que foi a *Menina bonita* e não tinha o Marcelo na zabumba, me senti tão mal sabe, que eu fiquei naquela situação. Então deixa eu lembrar de uma que eu acho que dá pra criar, mais fácil de contar sem a música propriamente dita. É que eu tô (sic) com um probleminha...

Que história você quer que eu conte? Uma que não precise do violão... Vou contar a do *Tico Tico*.

Tanto tempo que eu não conto o *Tico Tico*, faz tanto tempo, é uma história que eu gosto muito, mas eu acho que tem uns dois anos que eu não conto. Nem sei se eu lembro todos os detalhes, mas vamo (sic) tentar contar o *Tico Tico*.

“Era uma vez um passarinho, eita passarinho danado, malcriado, levado da breca. O passarinho era teimoso, não obedecia ninguém e também era metido, metido a achar que todas as pessoas tinham que fazer tudo o que ele queria. O passarinho um dia foi beber água na beira do riacho e acabou sujando os pézinhos. Sujou os pés de lama lá na beira do riacho e muito metido, não gostava de fazer nada, preguiçoso do jeito que era, ele olhou pro (sic) lado e viu o capim e pensando que o capim podia limpar os pézinhos dele olhou pro (sic) capim e falou assim: ‘Seu capim venha cá.’ Seu capim foi. ‘Seu capim limpa meus pé (sic)?’ Seu capim olhou e não deu nem bola pro (sic) tal do Tico Tico, mas Tico Tico não se emendava, andou mais um pouquinho na floresta e viu uma vaca, pensando que a vaca tava (sic) com fome olhou pra (sic) vaca, olhou pro (sic) capim e juntou na caixola e falou: ‘Dona vaca venha cá!’ Dona vaca foi. ‘Dona vaca come capim, pro (sic) capim limpar meu pé?’ A Dona vaca não deu nem ousadia pro (sic) tal do Tico Tico. O Tico Tico andou mais um tiquinho na floresta e viu logo adiante um cachorro, aí ele olhou pra (sic) vaca, olhou pro (sic) cachorro, olhou pro (sic) capim e juntou na caixola, um seu cachorro e: ‘Seu cachorro venha cá?’ Seu cachorro foi. ‘Seu cachorro late com a vaca, pra (sic) vaca comer o capim, pro (sic) capim limpar meu pé?’ Mas o cachorro nem se importou com o tal do Tico Tico. O Tico Tico andou mais um tiquinho na floresta, porque ele não se emendava não, ele andou mais um tiquinho e viu então um pedaço de pau, um pedaço de pau enorme, olhou pro (sic) pau, olhou pro (sic) cachorro juntou na caixola e falou: ‘Seu pau venha cá!’ Seu pau foi. ‘Seu pau bate no cachorro, o cachorro late com a vaca, pra (sic) vaca comer o capim pro (sic) capim limpar meu pé?’ Mas o pau também não deu nem ousadia, nem se importou com o pedido do Tico Tico. Foi então que o Tico Tico andou mais um tiquinho na floresta e viu fogo, uma labareda de fogo enorme, ele olhou pro (sic) pau, olhou pro (sic) fogo, não era besta nem nada, chegou pro (sic) fogo e falou: ‘Seu fogo venha cá!’ Seu fogo foi. ‘Seu fogo queima o pau pro (sic) pau bater no cachorro, pro (sic) cachorro latir com a vaca, pra (sic) vaca comer o capim, pro (sic) capim limpar meu pé?’ Só que mais uma vez, nem aí. Tico Tico na altura do campeonato já estava começando a ficar nervoso, preocupado achando que ninguém ia ajudar ele a limpar os pézinhos. Foi então que ele viu um riacho de água cristalina no meio da floresta e pensou na caixola, na água, no fogo, emendou tudo. Chegou pra (sic) água e falou: ‘Dona água venha cá!’ Dona água foi. ‘Dona água apaga o fogo, pro (sic) fogo queimar o pau, pro (sic) pau bater no cachorro, pro(sic) cachorro latir com a vaca, pra (sic) vaca comer o capim, pro (sic) capim limpar meu pé?’ Mas a água também não quis saber, Tico Tico já estava começando a ficar nervoso, estava começando a ficar muito preocupado e achando que ia ter mesmo que limpar os pés sozinho, preguiçoso do jeito que era não estava gostando daquela história não. Ele estava começando a ficar com raiva, andou mais um tiquinho e viu um boi. O boi é que me contou essa história. O boi tava (sic) babando e dizem por aí que boi quando tá (sic) babando é porque tá (sic) com sede. Tico Tico pensou em boi com sede e riacho de água cristalina, emendou tudo na caixola e falou com o boi: ‘Seu boi venha cá!’ Seu boi foi. ‘Seu boi bebe a água, pra (sic) água apagar o fogo, pro (sic) fogo queimar o pau, pro (sic) pau bater no cachorro, pro (sic) cachorro latir com a vaca, pra (sic) vaca comer o capim, pro (sic) capim limpar meu pé?’ Mas o boi também não deu nem atenção pro (sic) Tico Tico e ele começou a ficar tiririca da vida e resolveu voltar pra (sic) casa com os pés mesmo sujo e lavar no riacho, numa bica. Mas no meio do caminho, voltando pra (sic) casa ele viu uma árvore daquelas grandes, eu acho que era um jequitibá e

lá em cima ele viu uma casinha de maribondo e maribondo é um bicho safado, gosta de ver o mal dos outros, aí ele olhou pro (sic) maribondo e olhou pro (sic) boi, mas ele juntou na caixola, emendou tudo, pensou na malvadeza do maribondo e enxergou: 'Seu maribondo venha cá!' Seu Maribondo foi. 'Seu maribondo ferroa o boi, pro (sic) boi beber água, pra (sic) água apagar o fogo, pro (sic) fogo queimar o pau, pro (sic) pau bater no cachorro, pro (sic) cachorro bater com a vaca, pra (sic) vaca comer o capim, pro (sic) capim limpar meu pé?' Mas o maribondo como é bicho safado, gosta de ver o mal do povo, na mesma hora topo a brincadeira. Abriu bem as asas, bem abertinha, mirou na poupança do boi que era para o tiro não sair pela culatra e acertar bem na mira pegou bem miradinho, alçou vô mirou aqui no boi e o boi correndo, e quando ele ia pegando o boi, o boi pulou e disse: 'Epa!' 'Não precisa me ferroar que eu bebo a água.' A água: ' Não precisa me beber não, pode deixar que eu apagou o fogo.' O fogo: 'Opa, não precisa me queimar não, pode deixar que eu bato no cachorro.' O cachorro deu pra (sic) latir de lá e dizer: 'Não precisa me bater, pode deixar que eu tô (sic) latindo com a vaca.' A vaca: 'Opal!' 'Não precisa latir comigo não, pode deixar que eu como o capim.' E o capim: 'Uai só (sic), não precisa me comer não. Se o problema é só limpar os pés do Tico Tico pode deixar que eu limpo (sic).' E limpô (sic) e foi assim. Tico Tico fez uma quizumba danada na floresta, mas voltou pra (sic) casa com os pé bem limpim (sic), insistente e persistente que ele era. E como se diz, entrou pruma (sic) porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra."

Você gostou do *Tico Tico*? *Tico Tico* é uma história de domínio popular, na realidade nunca descobri quem escreveu. Eu ouvi a primeira vez foi o grupo *Boca em boca*, que é um grupo de palhaços lá de Anápolis e eles vieram aqui pra Brasília e num determinado momento da apresentação o palhaço sai e conta o *Tico Tico*. E eu me apaixonei e perguntei pra (sic) ele: "Posso contar essa história?" E ele disse: "Olha essa história é do mundo." E quem é que escreveu? Ninguém sabe, essa história tinha que ter no papel.

Algumas dessas histórias o Marcelo já começou a escrever pra (sic) mim, até mesmo pra (sic) eu não perdê-las, na minha caixola. Algumas eu escrevi, mas tá (sic) ali no computador, eu tenho vontade de escrevê-las, de escrever um livro, principalmente essas que a gente não sabe de onde veio, então eu tô (sic) fazendo uma seleção, mas o que eu já tenho tá (sic) guardado como *Tico Tico*, a *Árvore da montanha*, algumas histórias que eu não sei quem escreveu, mas eu queria fazer uma pesquisa pra (sic) ver realmente se não tem ninguém.

Porque eu me lembro que a própria Aldanei uma vez falou pra (sic) mim da *bruxa do avental das três ovelhinhas*, que até então a gente não sabia quem tinha escrito e aí ela descobriu numa dessas...eu encontrei. Ela falou: "Numa feira do livro... ali na barraca tal tem o livro das ovelhinhas." E aí se eu não me engano é um conto russo, turco, alguma coisa assim, eu não cheguei a comprar o livro, eu vi, mas não cheguei a comprar.

Então às vezes tem uma história que você acha que é de domínio popular, porque já vem encaminhada pra (sic) ser, mas aí quando você vai fazer a pesquisa descobre que tem alguém. Então eu queria fazer esse estudo com algumas histórias que eu gosto muito. Eu queria saber se realmente são de domínio popular, se forem eu queria escrever, queria realmente fazer um livro pra (sic) elas não se perderem. *Tico Tico* mesmo é uma que eu tenho muita vontade de publicar, porque eu sou apaixonada pelo *Tico Tico*, eu acho ela uma história muito gostosa apesar de fazer muito tempo... teve uma época que eu contei ela insistentemente.

Mas aí depois, eu acho que é a Marina Colassanti, não tenho certeza se é ela ou a Stella Maris Rezende que fala que na realidade não é a gente que escolhe a história é a história que escolhe a gente. Então eu tenho histórias que acho lindas, mas nunca consegui contar, tem histórias que eu sou apaixonada, mas quando eu vou contar parece que a história engasga, não sai.

Então eu digo que eu fico esperando o momento da história ser contada, às vezes eu tenho ela na cabeça, mas não é a hora e aí de repente quando chegar a hora é ela que diz e também tem a hora em que ela quer descansar. Então o *Tico Tico* foi uma história que eu contei muito, aí dei uma pausa, então tem uns dois anos que eu não conto.

Tanto é que eu falei: “Nem lembro muito de todos os detalhes.” Como é uma história que vai adicionando personagens, às vezes você tem que tá (sic) com ela afiada na ponta da língua e aí a história que vai descobrindo, é a história que vai dizer. E as pessoas me perguntam: “Como é que você escolhe uma história?” Eu não escolho.

Tem uma coisa que é muito interessante que é quando é o livro, eu pego um livro e eu dou uma lida assim, uma lida rápida, dinâmica nele e alguma coisa me diz que ele é um livro bom, ou não, pra (sic) contar história. Porque tem livros que são muito bons pra (sic) serem lidos, nem todo livro é bom pra (sic) ser contado, sabe, não que ele não seja bom, é porque é a estrutura dele, a forma dele.

Tem livro que ele precisa realmente de alguma coisa e eu não sei dizer o que, é uma coisa que acontece. Eu tô (sic) lendo um livro e falei: “Esse livro é bom de contar, essa história aqui dá pra (sic) fazer uma coisa legal com ela.” Tem história que eu falei: “Que história linda! Pra (sic) ser lida. No livro, ficar aqui dentro pra (sic) ser lido, no máximo ser lido pra (sic) assim... três, quatro crianças, mas passo a

passo, letra por letra, do jeitinho que ela tá (sic).”

Porque a contação de história a gente introduz elementos, a gente retira elementos... e tem a voz, eu nunca conto do mesmo jeito, sempre tem um detalhe ou outro que a gente adiciona, tira, depende muito do feedback, depende muito do público que tá (sic) te ouvindo, as vezes um pouco mais rápido, as vezes você resolve incrementar um pouco mais, então é muito relativo, é tudo muito...

Eu utilizo tudo para contar história, o acessório que vier na cabeça, é boneco, é violão, é saco, um chapéu, é por exemplo a coca. Conto com uma galinha, aquela galinha ali, feita de...cadê a galinha, a galinha que a mamãe comprou? Agora ela achou, uma galinha...na realidade é um galo, mas a gente vai disfarçar. Se bem que eu achei ela tão bonitinha.

Então às vezes eu coloco aqui, ou usando ela, “e aí a menina saiu com a galinha na cabeça e assim foi andando.”

A gente coloca um personagem, a *Menina do anel*, que é a menina do saco, uma história que eu achei que não fosse fazer muito sucesso entre as crianças porque fala da história de uma menina que foi raptada por um homem mau, e a menina tinha uma voz muito bonita. E eu falei, eu quero muito contar essa história sem muito adereço, porque ela é uma história muito folclórica, uma história que vem perdida a muito tempo, de pai pra (sic) filho e eu queria contar ela com o mínimo possível, queria que fosse muita oralidade nessa história.

Eu falei, a única coisa que eu vou usar é um saco de pano e a menina eu quero que seja um lenço, peguei um lenço de cabelo, desses lenços que a gente coloca pra (sic) amarrar o cabelo, um lenço de seda e dei um nozinho no lenço, então fica aquela parte de cima parecendo uma cabecinha e as duas, eu quero que os meninos vejam nesse lenço a menina, porque a menina lava roupa na beira do rio e esse mesmo lenço vai servir como você tivesse lavando a roupa.

Eu quero que as crianças vejam nesse lenço todas as possibilidades, porque quero mexer com a imaginação delas e assim, vou fazer uma experiência e resolvi fazer lá no shopping. E a menina canta música, então ela começa dizendo: “Era uma vez uma menina muito pequenininha...” E o lenço não é muito grande, eu falei: “Uma menina muito pequenininha”, e fico dançando com o lenço na frente deles... “que cabia na palma da mão.” Então enrolo o lenço e coloco na palma da minha mão e eles já sabem que ali é uma menininha, “Essa menina tinha um anel que a mãe

tinha dado de presente pra ela no dia do aniversário, mas uma coisa muito gostava de fazer e ela tinha uma vida muito simples, morava numa cidadezinha do interior, era lavar roupa e ela lavava roupa na beira do riacho porque toda vez que ela lavava roupa ela cantava, porque ela tinha uma voz encantadora.”

Como eu não tenho uma voz encantadora para cantar música o Marcelo é que canta, ele seleciona umas músicas bem antigas. Eu fico dançando com o lenço, pego e finjo que tô (sic) lavando roupas, então o lenço agora já não é mais a menina, o lenço já é a roupa que a menina tá (sic) lavando. Sacudo o lenço, cheiro, hum, tá (sic) bom, nisso o Marcelo tá (sic) cantando, quando ele termina eu sacudo, depois eu pego o lenço e agora ele já é a menina de novo e por incrível que pareça, achei que não, mas por ter muito visual é uma história muito... introspectiva.

Ela é uma história muito lenta, que não tem muita aquela emoção, aquela coisa toda pilhada, então você tem realmente que parar e prestar atenção e eu fico fascinada porque é a quarta vez que eu contei ela no shopping e quando eu termino tá (sic) aquelas entre 40, 50 crianças paradas e olhando.

Sabe, eu nunca pensei que a *Menina do anel*, com toda aquela coisa tão devagar que ela tem, fosse ser tão apaixonante, chamar tanta atenção das crianças e tem uma hora que ele fala: “Canta, canta meu surrão se não te dou um safanão”, que é a parte mais agitada da história. E os meninos ficaram fascinados e eu gostei muito da experiência de contar com o mínimo possível e de transformar material na frente deles, de fazer com que eles num objeto que não é nada “*a priori*” num momento ele é uma menina, num momento ele é a roupa que ela tá (sic) lavando.

Então eu quero passar isso novamente, quero escolher outra história, quero que outras histórias me escolham também, pra eu poder fazer isso. Outras histórias folclóricas pra (sic) brincar com o material, porque na realidade a minha intenção é sair cada vez mais do visual, não quero sair completamente, mas quero diminuir o visual cada vez mais.

Eu quero que cada vez mais fique mais oral, mesmo porque eu tô (sic) descobrindo que a gente vai descobrindo, o bom da contação de história é que a gente vai descobrindo aquelas coisas que a gente mais se agrada.

Quando eu comecei a contar história eu gostava muito de conto de fada, hoje a minha paixão são os contos folclóricos, conto de fada também é um conto folclórico mas o conto folclórico é mais popular sabe. Esse mesmo até aqui no Brasil

são histórias que estão perdidas, as histórias de *Pedro Malazarte*, de *Dona Florzinha*, outras histórias do *Saci*, outras do *Curupira*, porque a gente conhece.

A gente conhece muita lenda no Brasil, mas parece que as escolas resolveram cair sempre na mesma lenda. A gente sempre sabe a lenda do *Guaraná*, da noite, da *Iara*, do *Curupira*, do *Saci*, gente sabe as mesmas e tem histórias tão ricas.

Tem lendas perdidas por aí tão bonitas, a *Menina do anel* é uma que é lindíssima e estava perdida há tanto tempo, que é tão pouco contada, tem a lenda do *Jaraguá* que é um dos bonecos que a gente conta que tava (sic) perdida também. Eu queria esse resgate dessas histórias que tão (sic) muito perdidas, que tão (sic) na memória às vezes dessas pessoas que já estão morrendo e que são pouco divulgadas.

E essas histórias eu queria fazer de oralidade mesmo, com material o mais artesanal possível, lógico que isso também não vai me tirar de fazer sessão de contação de história puramente de conto de fadas entendeu? O bom da contação de história é isso, porque você pode envolver várias coisas.

Veja só, tem sessões de história que são folclóricas e tenho sessões de história que são só com livros, que eu acho muito legal também e contação de história que é só do mundo que as crianças conhecem, que é dos contos de fadas aqueles que vão se perpetuar, mas eu faço uma leitura bem legal pra eles.

Olha, eu acho que aqui a gente tem um público maravilhoso de contar histórias, a gente tem um público que gosta muito de história, muito mesmo e aí a gente divide esse público em dois, se é que dois, talvez tenha mais subdivisões aí.

Mas a gente tem um público mais carente que gosta, sabe e gosta porque nunca viu nada parecido, do pai que gosta porque acha diferente, porque nunca prestou atenção, porque nunca levarão isso pra (sic) ele, porque ele tá (sic) morando na cidade simples, na favela, em lugares que não se leva nada, tem esse público que gosta por conta disso.

E tem o público de classe social com poder aquisitivo maior, que gosta porque vem aquela coisa de que nossa, é o “mundo da leitura”, nossa, “contar história”, nossa, “é uma coisa”, então o contador de história está ficando entre dois pontos até elitizados.

O pessoal de poder aquisitivo mais alto tem aquela consciência assim de que

“ler é muito importante, eu quero que meu filho... meu aluno leia bastante... tenha muito, tenha o melhor, seja um grande leitor, seja isso, seja aquilo”, então querem ouvir você falando “contador de história”, eles crescem o olho, tipo nossa, “que atividade intelectual maravilhosa”.

As pessoas falam e eu fico besta que eu falo, nossa, como o público com mais poder aquisitivo valorizam (sic) muito o contador de história, é incrível como as escolas particulares tem muito mais abertura pro contador de história. Eles já veem o contador de histórias como uma ocupação, uma profissão mesmo. Isso é uma coisa que a gente tem um medo e um anseio. São duas coisas muito... Eu acho que quanto mais poder aquisitivo mais eles acham que é uma profissão, mas eles acham que é realmente uma nova área, um novo setor da arte, digamos assim.

Porque a gente tá (sic) acostumado a ver o artista que pinta, que canta, que encena, que faz fantoche, que faz o teatro de mamulengo, o teatro de sombra e agora o artista que faz a contação de história. Entendeu?

Eu vejo esse público, ele vê como um novo “braço da arte”, um novo ou antigo, ou talvez o mais antigo de todos, que estava meio que escondidinho ali. Então assim, a gente tem medo, muito grande da contação de história virar uma profissão quando a gente fala na sala de aula.

É da gente depois ter que pedagogizar demais sabe, e a escola, “olha é o contador de história!” E aí eu pago pra ter um contador de história na minha escola fixo, como o Marista, o colégio Marista, onde junto ao bibliotecário o contador de história, e aí eu conversando com elas do Marista da norte, não da sul, aí a gente fala assim, como é que mede pra pagar?

Pelas histórias que você conta como é o serviço? Como tem que ser o serviço do contador de história, ele tem que atender quantas escolas, quantas salas, como ele tem que contar as histórias, como a gente faz a medição?

Então é um processo assim, muito delicado, a gente coloca o contador de história, mas a gente não pode perder esse vínculo que ele tem com o mundo, que às vezes não existe uma rotina tão grande. Eu acho, por exemplo, eu como contadora de história o que me mata na sala de aula é a rotina. Sabe, é a rotina e assim, é uma preocupação, mas é uma preocupação que a gente também só vai saber como é que ela vai se desenrolar, como ela deve se desenrolar quando ela começar a acontecer.

Então “tudo tem risco e tudo tem os prós (sic) e contras”, pra (sic) que haja a profissionalização do contador de história a gente vai ter que adentrar dentro desse mundo profissional e tem que definir sabe, e eu acho muito interessante a gente ter os encontros de contadores de história que estão se profissionalizando pra (sic) que a gente não perca o fio da meada, pra (sic) que a gente não caia num mundo do capitalismo selvagem.

E daqui a pouco a gente tem que vestir uma bravata de contador de história e aí pronto, danou-se tudo. Que assim, uma coisa que eu fiquei fascinada, como é que pode isso, é tão dual, dualidade tão grande.

É que eu descobri com a menina que fez a monografia de letras na Católica, sobre o poder da palavra, foi que o contador de história desapareceu, ou quase sumiu justamente quando se ouve a democratização do ensino da leitura, do ensino de ler, porque antigamente nem todo mundo sabia ler e quem falava melhor ele era o contador de história.

Não necessariamente porque as histórias eram lidas, muitas eram de oralidade, mas ele era aquele que contava história e aí quando as pessoas começaram a aprender a ler elas começaram a não precisar mais do outro pra (sic) contar história, elas mesmas leem e eu falei “gente que maluco, contador de história desapareceu, quase sumiu porque as pessoas aprenderam a ler”. E hoje, olhe como é que é maluco o mundo, o meu trabalho como contadora de história é incentivar a leitura.

É totalmente contraditório e você para. Eu fiquei... participei da banca examinadora e fiquei chocada, porque falei, como que a gente consegue explicar que a leitura que hoje, eu como contadora de história luto tanto pra (sic) que os meninos leiam foi ela mesma que fez com que o contador de história quase desaparecesse.

Então, mas hoje a gente tem que fazer com que a criança entenda como o adulto que, eu tenho que ouvir hoje pra (sic) ler, eu tenho que gostar de ouvir. Antigamente pra (sic) gostar de ouvir eu tinha que deixar de ler. É muito maluco, e é isso que a gente tem que tomar cuidado com a profissionalização entendeu? A gente tem que ter estes debates sempre.

Pra (sic) mim contadora de história tem... pra (sic) gente não perder de novo, não acontecer mais o que aconteceu no passado de forma invertida. E a gente

também tem que acabar quebrando algumas barreiras quando a gente fala assim: “olha, ah...infelizmente vou ter que usar o microfone, infelizmente tenho que usar um adereço que eu não gostaria de usar, que queria que ficasse tudo no tradicional mas não dá.”

Eu conto história no shopping, com 40, 50 crianças sentadas ali na minha frente e eu conto histórias pra elas. Talvez eu não precisasse do microfone, mas tem o burburinho do shopping, tem a escada rolante, os carrinhos de supermercado que você fica perto do shopping, tem o Carrefour do lado, então tem os carrinhos passando.

Se eu ficar só na voz eu não consigo falar, primeiro porque eu fico rouca, segundo porque eu não consigo prender a atenção, porque a minha voz tem que dominar o espaço pra eles poderem prestar atenção em mim, se eu tiver que ficar concorrendo com todos esses barulhos e esses barulhos serem mais fortes do que o meu barulhos eu perdi a batalha.

Então a gente hoje infelizmente tem que ter esse cuidado de andar, é como se a gente andasse sempre numa corda bamba, nem muito pra (sic) lá, nem muito pra (sic) cá, mas tendo o cuidado de tá (sic) entre dois mundos, sempre entre dois mundos.

Hoje eu ainda conto as histórias do meu pai pras (sic) meninas, pro (sic) público eu nunca contei nenhuma das histórias dele eu ainda. Eu tenho que na realidade tentar sistematizar algumas das histórias que ele contava pra (sic) tentar fazer com que elas viem uma contação de história pro (sic) público. Pras (sic) meninas, pras (sic) minhas filhas eu ainda conto, em casa, quando a gente reúne todo mundo que levanta “lembra daquelas histórias que o meu pai contava um pedacinho?” E aí um conta um pedaço, outro conta outro e a gente faz. Mas eu quero sistematizar pra (sic) tentar contá-las mais adiante.

A função do contador de histórias hoje, na atualidade é complicado, porque eu acho que ele tá (sic) ficando muito na função do entretenimento, por exemplo, quando eu conto história no shopping, eu sou o entretenimento. Quando conto história na escola, numa feira literária, eu faço parte de um projeto literário que teve por detrás todo um outro processo de fazer com que aquelas crianças encontrassem o prazer da leitura, mas não deixa de ser um entretenimento, não deixa de mostrar pra (sic) elas a diversão de ouvir histórias.

Então eu tento sempre nas apresentações já levar, mesmo quando a apresentação é folclórica uma frase, alguma coisa assim, fazer com que ela perceba que tudo aquilo que eu estou contando ela pode tirar de um livro, ela pode encontrar num livro. Eu tenho que fazer com que ela perceba que se não tiver eu ou outro contador de história, o pai, a mãe ou alguém pra (sic) contar ela leia o livro, sempre tento mostrar isso.

Tanto que numa das finalizações que eu mais gosto é que eu falo: “Ah, e esses personagens acabaram se mudando pra (sic) um...” e eu tento levar pro mundo delas, por exemplo, quando eu conto lá no Plano, as crianças estão acostumadas com apartamentos então eu falei: “Então elas acabaram vendendo muitos livros e compraram um apartamento no condomínio encantado, no primeiro andar mora a Chapeuzinho Vermelho, no segundo mora a Encantada, no terceiro mora o Peter Pan, no quarto mora...”, aí vou falando vários personagens e coloco personagens do mundo que eles conhecem hoje “ ah... e tava (sic) mudando pra (sic) lá agora, nesse final de semana o Shrek, com todo o pessoal, acabou de mudar pra (sic) lá. A Encantada também mudou...” Então as vezes eu fico pensando nos personagens que estão no cinema, nos personagens, nas histórias e assim “ e se você quiser ir passar um dia nesse condomínio encantado é muito fácil...”, aí eu pego o livro... abro o livro, faço aquela cara de quem tá (sic) lendo o livro e tá (sic) se surpreendendo com alguma coisa, abro o olho e a boca e ahhhhhhh... “ah é muito fácil, é só pegar um livro e ler, porque quando a gente lê a gente viaja pro o condomínio encantado do mundo da fantasia.”

Então depende, quando eu vou aqui pruma (sic) escola, mais simples eu falo: “Ah... e mudaram pruma (sic) casa numa rua”, então adéquo um pouco àquela realidade, mas eu faço eles pensarem que aqueles personagens foram todos prum (sic) mesmo lugar, “ aí, e como é que eu faço pra chegar àquele lugar? Sabe, você pega um livro e lê, porque quando você lê você vai pra lá, você embarca pra àquele lugar.” Eu sempre termino as minhas histórias falando alguma coisa nesse sentido, pra eles perceberem aonde que eles podem encontrar tudo aquilo.

O contador de história na atualidade tá (sic) atrelado à figura do entretenimento, a gente tá (sic) desenvolvendo acho que uma nova categoria, que é o entretenimento cultural literário, entretenimento literário cultural.

A gente entra em contato com tudo, adulto, criança, idoso sabe, é legal ver os

seguranças do shopping, dos lugares prestando atenção. Aqueles homens grandões assim prestando atenção, e no final virem falar com você, “nossa muito legal, gostei...”

Sabe que eu vi quando às vezes termina a contação de história, tem uns três finais de semana mesmo que terminou a contação e eu tava (sic) lá guardando as coisas e de repente veio um menino que devia ter uns dezesseis anos de boné pra trás assim, todo marrento.

Menino: “E aí tia, beleza?”

Adriana: “Beleza.”

Menino: “Sábado que vem tem de novo?”

Adriana: “Tem.”

Tem muitas vezes que tem um número de pessoas que eu vejo que nunca imaginava que iam querer ouvir, e descobri isso quando contei história à primeira vez com o grupo Era uma vez, que foi num zoológico, era eu, Francinéia e Adriane e aí o zoológico contratou a gente pra (sic) fazer uma contação de história. E a gente tava (sic) contando, tinha um monte de criança de uma escola pública que tavam (sic) visitando e uns quatro, seis adultos que não estavam com essas crianças, estavam vendo, e só quando tava (sic) faltando um pedacinho pra terminar a história o ônibus tava (sic) saindo e as crianças não puderam ver o final da história, porque a tia perguntou e a gente assim, tava (sic) começando a carreira então a gente tava (sic) muito “nua e crua”.

Estudava na UnB, era um projeto da UnB na época, meu junto com o Era uma vez, a gente tava (sic) fazendo uma experiência dentro do zoológico. Então virou tudo junto e a gente não tinha muito essa questão profissional de entender esses pequenos detalhes e quando as crianças levantaram todas pra (sic) ir embora, eu lembro que era o *Rato Onorato* que a gente tava (sic) contando e a gente contava as três, eu contava um pedaço, outra contava outro e outra, outro.

Era uma experiência muito legal, aí as crianças levantaram pra (sic) entrar, foram embora e a gente ficou assim, e aí olhamos uma pra (sic) outra “Vamo (sic) embora né?” A gente fez menção de dar as costas, de recolher as nossas baguncinhas e ir embora e aí os quatro...seis adultos que tavam (sic) lá dentro: “Uai, e a gente aqui? Vocês não vão contar pra gente o final da história? A gente vai ficar sem saber como é que essa história termina?” Quando a gente parou: “Vamos

continuar né?” Continuar a história para aqueles adultos que tavam (sic) lá, “Ah...muito legal!” e saíram, foram embora e a gente ficou parada lá com aquela cara de besta, falando: “Ai também tavam (sic) gostando de história? Não eram só as crianças, é?”

Foi quando a gente começou, daqui, ali foi descobrindo que o adulto gostava, a criança, o idoso, o marrento, todo mundo gosta e é muito raro uma pessoa, não vou dizer que tem sempre, mas é muito raro a pessoa dizer que não gosta da história.

Então assim, lógico que tem sempre aquelas pessoas que entendem errado e a gente lembra que foi num shopping um dia desses e tem uma boneca gigante de uma colaboradora nossa que é a Têteia. Ela tem uma boneca grande a Miota e a Miota eu conto a história de um bebê prestes a nascer e o bebê nasce e depois que o bebê nasce a Miota entra, ela veste a boneca grande e ela entra com o bebezinho no colo e desfila ali com os meninos.

E num determinado momento ela faz umas brincadeiras, tira a blusa (a boneca tem um peitão grandão), pra (sic) ver se tem leite e quando aperta o peito ela tem um negocinho que ela sopra e joga água nas crianças, mistura água com leite ninho e fica branco, então ela joga água nos meninos, os meninos acham engraçado, depois ela bota o nenê pra (sic) mamá, e o Marcelo bota uma música de ninar, ela nana o nenê, ele dorme, ela pede silêncio, sai e vai embora.

Então ela é um complemento da história, lógico, ela rouba toda a cena, que ela é linda, é maravilhosa, na realidade minha história é só pra ela entrar e ter um sentido pra entrada dela, e a gente conta essa história geralmente no dia das mães, na semana das mães e a gente conta no shopping, e depois teve um senhor que foi reclamar que disse que se sentiu constrangido com o peito da Miota.

Ele foi lá na diretoria do shopping dizer que era o cúmulo do absurdo uma boneca botar os peitos daquele tamanho pra (sic) fora, que ali tinham crianças e assim, a gente encontra esse tipo de coisa.

Já encontrei pessoas que reclamaram da *Menina bonita do laço de fita* por dizer que é uma história preconceituosa, se é uma história que faz justamente o contrário, que é mostrar justamente a questão da cor, que cada um tem a sua, que cada um tem a sua raça e que as duas podem se misturar como o coelho branco casa com uma coelha pretinha e nasce uma outra e um monte de coelho colorido e

a pessoa não queria contar .

Já tive momentos em que a pessoa não queria que eu contasse porque eu sou branca e boto uma peruca preta e coloco luvas pretas e que aquilo é como se fosse uma zombaria a raça negra. Eu falei: infelizmente você é que é extremamente preconceituosa e não se sai muito bem com a questão da suas peculiaridades.

Porque o cabelo, a peruca é uma peruca *black power* e a pessoa falou assim “Mas isso?” E graças a Deus nesse dia a minha colega Francinéia que é negra e que tava (sic) do meu lado e uma outra também que é a Poliana que também é negra e que estavam lá quando a pessoa falou assim: “Você é uma pessoa preconceituosa porque você não aceitou as peculiaridades da sua cor, da sua raça, porque o cabelo do negro é *black power*. Se o negro hoje usa um cabelo liso é porque ele alisa mas o cabelo se você deixar crescer a vontade é *black power*. Ele é um cabelo pra (sic) cima, é o cabelo que vai crescer desse jeito e ele tem a sua beleza.”

Francinéia: “Se te incomoda o negro, ele tem sim os lábios maiores, se você não consegue ver a pessoa falando disso é porque você ainda não se aceitou como é entendeu? Você ainda tem que fazer chapinha.”

Então, eu já passei por esse processo, também no Brasil tem o *Pandolfo Bereba*, que é da Eva Furnari que é um rei que tem uma mania absurda de subir na torre do castelo e ficar dando nota as pessoas que passam lá embaixo, então ele fala: “Ah...muito chulé, nota 4..., muito cabeçudo, nota 2,... muito orelhudo, nota 3.”

Pandolfo fica dando nota pras (sic) pessoas só que depois ele se sente triste, porque não tem amigos, aí procura amigos, mas também não gosta de nenhum porque todos tem cabeça grande, orelhas. Aí ele procura uma namorada e também não gosta de nenhuma porque todas têm cabeça grande,... alguma coisa que ele não gosta. Até que Pandolfo foge do castelo um belo dia e ele se prepara com aquele monte de gente diferente e a história se desenrola e ele se vê apaixonado pela Ludovica, que é um nome esquisito e ela é pescoçuda, nariguda, cabeçuda, bocuda, orelhuda com lindos olhos brilhantes. Pandolfo conversa com Ludovica, ela ensina ele a fazer bolo de chocolate, ele ensina ela a jogar gamão, xadrez e os dois passam o dia inteiro conversando e ele vê que ele não deu nenhum defeito pra ela e percebe que ela é uma pessoa maravilhosa e se vê apaixonado por ela, nem se importa com tudo aquilo que ele antes se importava e vê que a beleza das pessoas

tá (sic) dentro e não fora, e aí se casa e vivem felizes para sempre.

É uma história que hoje eu tô (sic) contando nas escolas pra trabalhar o *bullying*, porque fala justamente de botar apelido e depois descobrir que ele mesmo é esquisito, porque o nome dele é Pandolfo Bereba justamente porque ele é cheio de berebas no rosto, sabe, e ele é todo esquisito, narigudo, todo tordo também e aí descobre que ela é legal, então no final da história tem essa descoberta.

E aí já tive o desprazer de ter professores que no final da história não gostam porque dizem que a história trabalha preconceito, porque com essa história as crianças vão ficar apontando os defeitos dos outro na rua, dando nota pros (sic) meninos.

Mas eu como contadora e você tá (sic) trabalhando *bullying* na escola e eu vou contar Pandolfo Bereba, lógico que pra (sic) eu chegar à moral da história e olha que eu não gosto de história com moral, mas como a Eva Furnari faz isso com maestria e ela trabalha de um jeito que não parece história com moral, porque não gosto de pedagogizar a história... ela faz isso com um jeito tão gostoso que dá pra (sic) gente trabalhar.

Então assim, pra (sic) eu poder chegar à moral da história, pra (sic) eu poder dizer que isso não tem nada haver eu tenho que passar pelo problema antes entendeu? Como é que eu posso simplesmente pular e já dizendo que não tem nada haver se eu não vivi a situação problema antes?

Então eu vivo toda aquela situação problema do Pandolfo Bereba fazendo tudo aquilo com as pessoas pra (sic) depois ver o final da história. Se eu faço isso como contadora de história e você tá (sic) trabalhando o projeto *bullying* da história na sua escola, você deveria tá (sic) debatendo com os alunos e deveria trabalhar isso na escola, mas aí a pessoa não trabalha e acho que não viu o fim da história como nem se importasse, a gente encontra muito isso.

A gente encontra de tudo, de achar que *a Menina bonita* é preconceituosa, de achar que... Mas assim, graças a Deus são poucas as mentes graças a Deus as mentes mais fechadas são muito poucas, quer dizer que num universo de mil a gente tira umas cinco pessoas que pensem assim.

Mas assim, antigamente me irritava, eu até parava pra (sic) discutir com a pessoa, hoje em dia eu passo despercebido, porque eu já descobri que tem certas pessoas que a gente pode discutir e tem certas pessoas que a gente não pode, não

vale a pena e que é melhor, olha deixa que a vida ensine, porque não sou eu que vou ficar dando discurso.

O que você vai ser quando crescer Kaébe? Ela disse que vai ser contadora de história. Você vai contar história? Um dia desses ela pegou, juntou partes de pecinhas, fez um... Fez alguma coisa assim: “Oh mamãe, pra (sic) conta história, aqui você faz assim, aí você conta era uma vez... E aí vai contando.”

É você vai ser contadora de história né filha? Que bom! Se tiver que dar uma passadinha na UnB para falar com a professora Cléria para contar umas histórias eu peço assim, pra (sic) ter uma antecedência pra me organizar com a questão das escolas. É porque como tem escola do Lago, eu me organizo em questão de trocar de folga, qualquer coisa assim porque a gente tem duas folgas e meia folga essa semana e aí eu posso trocar essas folgas pro (sic) dia que for o dia que tiver que ir lá.”

APÊNDICE C – HISTÓRIAS CONTADAS PELO GRUPO MATRAKABERTA

Fonte: MATRAKABERTA
Foto 1-A bruxa do avental



Fonte: MATRAKABERTA
Foto2-A burrinha



Fonte: MATRAKABERTA
Foto 3- Menina bonita do laço de fita



Fonte: MATRAKABERTA
Foto 4-Pandolfo Bereba



Fonte: MATRAKABERTA
Foto 5- O sapo



Fonte: Matrakaberta
Foto 6- A veia de baixo da cama



Fonte: MATRAKABERTA
Foto 7-Boi Bumba



Fonte: MATRAKABERTA
Foto: 8-Tatê Calanquê Catacan Quixilá Calanquê